

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

VALDEMIR SARMENTO DE ALMEIDA

A TEOLOGIA DA *PARAKLESIS* NA PERSPECTIVA PAULINA E DOS
CORÍNTIOS E SUA INFLUÊNCIA NA IGREJA CRISTÃ EVANGÉLICA
BRASILEIRA PÓS-MODERNA: UMA CONTRIBUIÇÃO À PRÁTICA
DA COLETA

São Leopoldo

2017

VALDEMIR SARMENTO DE ALMEIDA

A TEOLOGIA DA PARAKLESIS NA PERSPECTIVA PAULINA E DOS
CORÍNTIOS E SUA INFLUÊNCIA NA IGREJA CRISTÃ EVANGÉLICA
BRASILEIRA PÓS-MODERNA: UMA CONTRIBUIÇÃO À PRÁTICA
DA COLETA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da
Bíblia

Orientador: Verner Hoefelmann

São Leopoldo

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A447t Almeida, Valdemir Sarmiento de
A teologia da paraklesis na perspectiva paulina e dos coríntios e sua influência na igreja cristã evangélica brasileira pós-moderna : uma contribuição à prática da coleta / Valdemir Sarmiento de Almeida ; orientador Verner Hoefelmann . – São Leopoldo : EST/PPG, 2017.
70 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2017.

1. Solidariedade – Aspectos religiosos – Cristianismo. 2. Paulo, Apóstolo, Santo – Ensinamentos. 3. Bíblia Coríntios, II 8-9 – Crítica, interpretação, etc. 4. Pobreza – Aspectos religiosos – Cristianismo. 5. Igrejas protestantes - Brasil. I. Hoefelmann, Verner. II. Título.

RESUMO

Apesar de suas dificuldades ministeriais com respeito à igreja em Corinto, o apóstolo Paulo dedica dois capítulos de sua segunda epístola para orientar os coríntios a contribuírem com os pobres de Jerusalém. Ele enaltece a importância dessa missão, classificando-a como *paraklesis*, assistência aos santos. Essa preocupação é resultado de alguns conceitos teológicos que ele absorveu, contrastados com o conceito de prosperidade pagã que os coríntios tinham e precisavam desconstruir. Percebendo que esta teologia da coleta, como assistência aos pobres, tem sido deixada de lado por parte da igreja cristã evangélica brasileira, os capítulos finais se ocupam com uma reflexão sobre a seriedade com que se deve repensar nossa prática de arrecadação de bens.

Palavras-chave: *Paraklesis*. Coleta. Paulo. Coríntios. Igreja.

ABSTRACT

Despite his ministerial difficulties with regard to the church in Corinth, the apostle Paul dedicates two chapters of his second epistle to orientating the Corinthians to contribute to the poor in Jerusalem. He exalts the importance of this mission classifying it as *paraklesis*, assistance to the saints. This concern is the result of some theological concepts which he absorbed, contrasting with the concept of pagan prosperity which the Corinthians had and needed to deconstruct. Perceiving that this theology of the offering, as assistance to the saints, has been put to the side by the Brazilian Evangelical Christian church, the final chapters occupy themselves with a reflection on the seriousness with which we need to rethink our practice of gathering goods.

Keywords: *Paraklesis*. Offering. Paul. Corinthians. Church.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 TEOLOGIA SOCIAL DE PAULO E O CONTEXTO DE CORINTO	12
1.1 Problema	12
1.2 Destinatários	13
1.3 Propósito	16
1.4 Ênfase	19
1.5 Contexto Histórico	19
1.6 Problema Textual	25
2 A PARAKLESIS COMO ASSISTÊNCIA AOS SANTOS	30
2.1 Definição	30
2.2 A <i>paraklesis</i> no Antigo Testamento	31
2.3 Paulo e o Antigo Testamento	34
2.4 <i>Paraklesis</i> no Novo Testamento	36
2.5 Cristo e o Espírito Santo como <i>parákletos</i>	38
2.6 A Igreja vivendo <i>paraklesis</i>	38
2.7 A Economia de Deus como <i>paraklesis</i>	40
3 ANÁLISE DA VIDA DE PAULO E A TEOLOGIA DA COLETA ENTRE OS GENTIOS DE CORINTO	42
3.1 Resumo Biográfico de Paulo	42
3.2 Teologia Paulina	43
3.3 Paulo e o Pano de Fundo Histórico-Cultural de Corinto	45
3.4 O Significado da Coleta na Teologia Paulina	46
3.5 A Bênção como Consequência da Obediência	51
4 TEOLOGIA DA COLETA: COMPARAÇÃO ENTRE 2 CORÍNTIOS 8-9 E A IGREJA CRISTÃ EVANGÉLICA PÓS-MODERNA	53
4.1 Cristologia da Pobreza	53
4.2 O Equilíbrio da <i>Koinonia</i>	56
4.3 A Interpretação da Teologia da Coleta por parte da Igreja Pós-Moderna ..	56
4.4 Uma Proposta Teológica	59
CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo, motivar os cristãos a uma reflexão sobre o tema paulino da coleta, tomando-a como parâmetro para refletir sobre as coletas realizadas pelas igrejas cristãs evangélicas brasileiras pós-modernas.

Avaliar-se-á a prática do acúmulo de bens pela sociedade judaica ao longo dos tempos bíblicos e suas consequências para a vida comunitária. Subsequentemente, observar-se-á a história da arrecadação de bens no contexto bíblico, a fim de reunir elementos hermenêuticos para uma análise de *paraklesis* fundamentada na segunda carta de Paulo aos Coríntios, nos capítulos 8 e 9.

O texto trata da arrecadação na igreja de Corinto e como o apóstolo Paulo trabalhou o assunto com os cristãos daqueles dias. Certamente a doutrina da contribuição não foi um discernimento originário em Paulo, mas ele foi um apregoador dessa doutrina na vida dos cristãos primitivos. Essa teologia paulina veio sendo construída ainda nos primórdios, quando a primeira família fora constituída; há relatos de dedicação de bens para adoração ao Deus Eterno da Bíblia Sagrada (Gn 4.3-5). O autor do livro, *O Homem e o Dinheiro*, apresenta duas contradições acerca do dinheiro na Bíblia, as quais ilustram os paradoxos vividos pela igreja cristã brasileira atual entre a fé e o dinheiro. Ele afirma que

[...] encontramos-nos em face de doutrinas opostas, quando se trata das riquezas. Podemos sinalizar ao menos duas contradições: a primeira situa-se entre o Novo e o Antigo Testamento. Incontestavelmente, no Novo Testamento, a riqueza é condenada. Não há um texto de meu conhecimento que a justifique. Ao passo que o Antigo Testamento apresenta, ao contrário, a riqueza como um bem desejado por Deus, agradável a Deus. Não há oposição mais radical entre as duas alianças do que esta concernente à fortuna. A outra contradição situa-se no Antigo Testamento mesmo, entre o julgamento sobre o rico e aquele sobre a riqueza. Há lá uma singular oposição: enquanto que a riqueza é considerada boa e justa, o rico é quase sempre julgado e condenado. Isto é evidentemente surpreendente, porque se a abundância de bens é um dom de Deus ao homem justo, como se pode atacar com tanta força aquele que aproveita essa abundância?¹

A forma como o apóstolo Paulo apresenta sua doutrina da coleta pode ser o agente conciliador entre o Antigo e o Novo Testamento concernente à riqueza. Hoje, no Brasil, há um preconceito velado sobre a arrecadação de bens nas igrejas cristãs,

¹ ELLUL, Jacques. *O homem e o dinheiro*: aprenda a lidar com a origem de todos os males. Brasília: Palavra, 2008. p. 39-40.

principalmente as evangélicas, por haver uma associação ao enriquecimento, muitas vezes, ilícito, por parte de alguns líderes cristãos evangélicos, principalmente nas igrejas neopentecostais. Com ou sem razão, isso tem crescido e esse preconceito tem ganhado força contra essa prática nas instituições eclesiais, podendo comprometer objetivamente a obra missionária e as demais atividades das igrejas cristãs, impedindo, conseqüentemente, o desenvolvimento do cristianismo.

O mundo atual é movido pelo dinheiro. A economia mundial influencia diretamente a qualidade de vida de uma nação ou povo. Ter dinheiro significa ter poder e o poder é o que tem feito a humanidade contender entre si, pois nele (no poder) estão cultivados os nossos desejos. Sem o poder, não há possibilidade de realização de sonhos, portanto, o dinheiro é o caminho para a realização de sonhos. Por esse motivo, o assunto tem sido considerado delicado de se tratar, ao longo dos anos, dentro das comunidades cristãs. O dinheiro tem força de divindade, justamente por ser a maior ferramenta de realização dos desejos pessoais, uma vez que pode atuar diretamente no suprimento das necessidades humanas, assim como um “deus” faz, através da fé de um indivíduo.

Entender como o apóstolo Paulo doutrinou a igreja primitiva sobre esse assunto é nevrágico para o desenvolvimento financeiro e espiritual da igreja ao longo dos tempos e em especial, na igreja cristã brasileira atual. Para observar a maneira como a Igreja entendia as coletas, sua aplicação e a espiritualização como meio para se apresentar a Deus, e também com o objetivo de buscar uma harmonia teológica dos testamentos sobre a riqueza, através de uma análise histórica e teológica, é que os capítulos supracitados da segunda carta de Paulo aos coríntios foram selecionados, na expectativa de elucidar o que o texto realmente quer nos ensinar, haja vista ser muito utilizado para motivação do recolhimento das coletas nas igrejas cristãs brasileiras atuais.

Os capítulos referidos também foram discriminados por se tratar de uma realidade social da igreja cristã no tempo apostólico. A segunda epístola aos coríntios revela a condição e a visão social da igreja e também a responsabilidade que envolvia, coletivamente, os irmãos tanto os mais ricos quanto os mais pobres.

No raciocínio da primeira parte, tratar-se-á do problema, destinatário, propósito, ênfase, contexto histórico e problema textual com ênfase na teologia social do apóstolo Paulo na segunda carta aos coríntios.

Sequencialmente, será feita uma análise gramatical e teológica sobre a *paraklesis*: conceito, a *paraklesis* no Antigo Testamento, a *paraklesis* no Novo Testamento, Cristo e o Espírito Santo como *parakletos*, a Igreja vivendo *paraklesis* e a economia de Deus como *paraklesis*.

Já na terceira parte, elaborar-se-á um resumo biográfico da vida de Paulo, a influência cultural da filosofia greco-romana na teologia cristã de corinto, o significado da coleta na teologia paulina e a bênção como consequência da obediência.

E por fim, será comparada a teologia da coleta nos termos da segunda epístola aos coríntios nos capítulos oito e nove, com a teologia da coleta de parte da igreja cristã evangélica brasileira pós-moderna: cristologia da pobreza; o equilíbrio da *koinonia*; o entendimento de uma parte da igreja cristã pós-moderna sobre a coleta; uma proposta teológica.

1 TEOLOGIA SOCIAL DE PAULO E O CONTEXTO DE CORINTO

1.1 Problema

Entender a teologia do apóstolo Paulo constitui-se em um desafio para a teologia cristã ao longo da história da igreja, além de se ter extraído muita riqueza a partir dos seus escritos. Diante desse fato, a segunda epístola aos coríntios faz parte de um conjunto de escritos de Paulo, cuja importância fora sumária para o crescimento espiritual daqueles irmãos, bem como das igrejas que trouxeram os escritos apostólicos para seu ambiente de estudo e aprendizado. Os capítulos oito e nove se desenvolvem em torno das necessidades dos santos em Jerusalém. Dentro do contexto e peculiaridade de que trata a epístola de Paulo, cuja temática apresentada é a *paraklesis* (consolação), torna-se um desafio entender sua estrutura teológica, observando que Paulo se ocupa principalmente em defender seu ministério (1.12-7.16) e seu apostolado (10.1-12.13). Aparentemente, Paulo muda de assunto, quando trata da coleta e da assistência aos pobres em Jerusalém (8-9). Isso parece não seguir uma sequência de um pensamento teológico apresentado na epístola. Alguns chegam a afirmar que esses dois capítulos teriam sido inseridos na epístola posteriormente, porém, não se pode afirmar categoricamente que foi o que aconteceu, acrescentando-se uma dúvida que pode ser o ponto de partida da presente pesquisa. Como Paulo evoluiu sua doutrina na epístola a fim de concluir que

[...] aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura com abundância também ceifará. Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria. Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra.²

Quais são os alicerces que fundamentaram essa teologia da contribuição? O que isso tem a ver com a consolação (*paraklesis*), a temática da segunda epístola? O que significa semear e colher com abundância? Isso envolve os dízimos como conhecemos hoje?

² BÍBLIA Sagrada. Almeida Revista e Atualizada com números de Strong. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2003. 2Co 9.6-8. Esta tradução será a principal utilizada no decorrer da dissertação.

Possivelmente, pode-se incorrer em erros crassos quando se faz uma avaliação superficial do texto, pois, talvez, Paulo não esteja tratando somente de finanças; para alguns, estes termos “[...] em tudo, ampla suficiência, superabundeis...” (2Co 9.11), podem estar associados à vida espiritual ou pode sim estar focado apenas no aspecto financeiro. A bênção da prosperidade pode estar diretamente associada à ausência de problemas, o que inclui a vida financeira, pois a ampla suficiência pode significar também todas as áreas de nossa vida. Não poderá passar nesta análise a ideia de enriquecimento. Pois o apóstolo afirma no versículo onze “[...] enriquecendo-vos, em tudo...”. (2Co 9.11). O que pode significar que até os bens estão inclusos na expressão “em tudo”. Provavelmente uma análise do significado da prática da coleta como assistência pode trazer uma luz sobre as definições da prosperidade e da riqueza financeira.

1.2 Destinatários

“... à igreja de Deus que está em Corinto e a todos os santos em toda a Acaia.” (2Co 1.1).

A igreja de Corinto foi fundada quando Paulo apresentou o evangelho em uma de suas viagens missionárias (At.18). Ao que parece, 2 Coríntios foi, na verdade, a quarta carta que Paulo escreveu aos coríntios. Em 1Co.5.9, há uma referência a uma carta que (supostamente) precedeu 1 Coríntios. Em 2Co.2.4, Paulo fala de uma carta “com muitas lágrimas” que havia enviado a eles, e que não parece ser 1 Coríntios. Portanto, 2 Coríntios é a quarta carta que Paulo escreveu a esta igreja que lhe era importante e enfrentava alguns problemas constantes.³

A igreja vivia em um contexto social muito rico e diversificado. Para a espiritualidade cristã, havia nesse ponto um fator complicador, e, talvez por esse motivo, a igreja estivesse enfrentando tantas adversidades em sua comunhão e fidelidade ao Senhor. A Bíblia de Estudo Arqueológica, apresenta um quadro sobre a realidade social de Corinto na qual a igreja estava inserida:

A nova cidade era romana em sua administração e arquitetura, e a maioria de seus habitantes era constituída de homens livres. As vantagens naturais do local, associadas com o vigor empresarial dos homens livres, logo resultaram em prosperidade renovada. A Corinto do período do Novo Testamento era considerada uma das mais belas cidades do mundo greco-romano. O comércio e seu *status* como centro administrativo do império fez

³ Comentário Introdutório 2 Carta de Paulo aos Coríntios. In: *BÍBLIA de Estudo Esquemmatizada Almeida Revista e Atualizada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012. p. 1683.

de Corinto uma cidade importante nos dias de Paulo. Corinto tinha uma população mista e cosmopolita, refletida nos muitos santuários religiosos:

- Os visitantes de Corinto podem ainda encontrar evidências arqueológicas de ofertas votivas a Asclépio, deus da medicina, em gratidão pelas curas. Essas ofertas eram moldes de partes do corpo em argila (geralmente braços, pernas ou órgãos sexuais), supostamente curados por Asclépio, pendurados em volta do templo como tributos a essa divindade.
- Corinto era o lar de um famoso templo de Afrodite que supostamente empregava mil prostitutas. Embora esse número possa ser exagero, os especialistas não duvidam de que essa cidade portuária mantinha uma próspera indústria de prostituição, provavelmente tendo um santuário como centro.
- Havia também templos dedicados a outros deuses gregos, como *Poseidon*, deus do mar (apropriado a uma cidade portuária), e a Deméter e Core, deusas de um antigo culto de fertilidade grego.
- A natureza cosmopolita de Corinto está refletida no fato de que ela também possuía muitos lugares de adoração a divindades estrangeiras, como o santuário à deusa egípcia Ísis e até uma sinagoga judaica.

Em razão de sua diversidade cultural, riqueza, paganismo e libertinagem, Corinto talvez não fosse o lugar que os observadores considerassem ideal para florescer uma igreja. Todavia, foi precisamente ali que Paulo exerceu um de seus mais bem-sucedidos ministérios – e foi ali também que ele experimentou alguns de seus maiores desafios com os primeiros convertidos ao cristianismo.⁴

Para Kistemaker (dados bibliográficos vão apenas na nota de rodapé), a igreja em Corinto se via como a representação do povo de Deus. Ele afirma que o apóstolo Paulo foi enfático no ensino dessas realidades:

Da perspectiva dos coríntios, o conceito *igreja* significava o ajuntamento do povo de Deus para adoração, louvor e comunhão. Quer se reunissem em casas particulares ou ao ar livre para uma reunião em massa, os coríntios se viam como sendo a Igreja de Deus presente em âmbito local em Corinto. Eram parte da Igreja universal, e Paulo estava continuamente lembrando-os desse fato. Em outras palavras, Paulo não está se dirigindo a uma igreja de uma única casa; ao contrário, ele está (faltam palavras aqui) à Igreja de Deus, que está representada na cidade de Corinto por muitas igrejas nos lares. [...] Ele usou títulos do Antigo Testamento para mostrar que os cristãos primitivos representavam a continuação do verdadeiro povo de Deus. De acordo com Paulo, os privilégios e as promessas que Deus dera a Israel agora foram aplicados por meio de Cristo à Igreja.⁵

Além da igreja que está em Corinto, Kistemaker identifica ainda outros destinatários conforme o apóstolo escreve em 2 Coríntios 1.1: “todos os santos que estão em toda a Acaia”. Os *santos*, segundo ele,

⁴ Comentário da Bíblia de Estudo Arqueológica NVI, São Paulo: Editora Vida, 2013. p. 1887.

⁵ KISTEMARKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento – 2 Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 60.

[...] transmite a ideia de pessoas que são modelos de virtude, piedade e santidade. Mas o conteúdo da correspondência coríntia de Paulo não retrata os cristãos em Corinto como sendo assim. Paulo está se dirigindo não a cristãos individuais, e sim à igreja inteira, que ele vê como sendo santificada por meio de Jesus Cristo. A santidade de todos os crentes tem origem na obra redentora de Cristo (Hb 2.11; 10.14). Os crentes são exortados a viver uma vida de santidade observando os mandados de Deus e assim mostrando gratidão a ele por seu livramento. Ser declarado santo à vista de Deus, no entanto, não garante que os crentes nunca caiam em pecado. Depois que Jesus ensinou seus seguidores a pedir o perdão dos pecados, ele os ensinou a orar a sexta petição: ‘E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do maligno’ (Mt 6.13 espaço entre a abreviatura do livro e o capítulo). A santificação é um processo que dura a vida inteira e renova o povo de Deus segundo sua imagem. Seguindo essa vida na terra, alcançam sua meta: a perfeita santidade na presença de Jesus.

A expressão *toda a Acaia* inclui todas as igrejas que tinham sido fundadas em toda a Província (ver 9.2; 11.10). Temos conhecimento só da igreja na Cencrêia (Rm 16.1) mas confiamos que, com o passar do tempo, a fé cristã tenha se espalhado a outras cidades e vilas da Acaia (ver 1Ts 1.7,8). Em 27 a.C. os romanos haviam dividido a Grécia em duas províncias: Acaia no Sul, e Macedônia, no Norte. A capital da Acaia era Corinto, e era a sede do procônsul (At 18.12).⁶

Santos apresenta um perfil mais específico sobre a comunidade cristã de Corinto. Ela afirma que

[...] é provável que a comunidade abrangesse vários níveis sociais da colônia. Nela, não estavam inclusos nem aristocratas donos de terra, senadores ou decuriões, nem pobres destituídos, ou seja, nem topo nem o mais baixo nível de escala social. Havia escravos, artesãos e comerciantes, pessoas com vários níveis de riqueza, além de judeus e gentios. Conforme Murphy-O'Connor, o grupo predominante na *ekklesia* de Corinto era formado por gentios, dos mais variados graus do “meio” da escala social. Os judeus seriam minoria.⁷

Santos ainda destaca em 1Co 1.26 que

Paulo nos dá indícios de alguns membros da comunidade: “Não há entre vós nem muitos sábios aos olhos dos homens, nem muitos poderosos, nem muita gente de família distinta”. De acordo com Theissen (1987:72-80), os “sábios” são instruídos, que demonstram prudência e altivez, seja na política, seja nas atividades comerciais; os “poderosos” são os mais influentes, os que têm relevância na vida cívica de Corinto; e os “de família distinta” são os nascidos na aristocracia romana criada pelos libertos enviados por Júlio Cesar para fundar a colônia coríntia. Nessa passagem, Paulo destaca uma elite privilegiada que, consoante Murphy-O'Connor (2004:275-276), exercia sobre a cidade de Corinto uma influência bem superior ao seu quantitativo numérico. Tais elementos eram minoria na colônia, e também o eram dentro da comunidade cristã coríntia. Entretanto, eles, provavelmente, teriam desempenhado um papel relevante no que tange aos interesses da igreja. Considerando-se autoridades por direito, devido à sua condição social *extra-*

⁶ KISTEMAKER, 2004, p. 60-61.

⁷ SANTOS, Cintya. A Composição Social dos Cristãos em 1 Coríntios. *RJHR*, IV, 6, 2011, p. 132. Disponível em: <<http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos6/Artigo%20Cintya%20Santos.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

ekklesia, eles julgaram não precisar de uma posição oficial dentro da comunidade, para reforçar um prestígio tido como “natural”. Em 1Co 12.13, na tentativa de reforçar a unidade entre os cristãos de Corinto, Paulo também demonstra a estratificação social dos membros da comunidade. Quando ele diz que todos formam um só corpo, independentemente de serem judeus ou gregos, escravos ou livres, ele está destacando, segundo Fitzmyer (2008: 32-33), a composição da maioria dos membros da comunidade.⁸

Esta situação levou o apóstolo Paulo a escrever uma outra carta, 2 Coríntios, a fim de ser restabelecida a sua autoridade apostólica entre aqueles irmãos.

1.3 Propósito

Para Kistemaker,

[...] alguns escritores veem o objetivo de 2 Coríntios como sendo proclamar a Glória de Deus; dirigem a atenção à profundidade teológica da epístola e sua aplicação prática. O número de vezes em que aparece a palavra *glória* nessa epístola dá apoio a essa observação. Como doutrina, ela é um fio dourado que passa pelo tecido dessa epístola e fala de perto à vida cotidiana dos crentes individuais. Svrre Aalen observa: ‘A glória com seu poder transformador opera ainda hoje entre os crentes’. Nesta carta, Paulo louva os leitores, conformando-os com palavras de alegria e encorajamento. Ele busca fortalecer os membros da igreja que são fiéis a Deus, às Escrituras e ao ensino apostólico. Mas ele também tem palavras de repreensão e contestação para aqueles que tomam o partido de seus opositores. Dirigindo-se a uma minoria na igreja, ele estabelece firmemente sua autoridade apostólica. Um último objetivo é promover a unidade das igrejas daquele tempo. Para fazer com que essas igrejas gentílicas expressem o quanto devem aos cristãos judeus da Judéia, Paulo solicitou dinheiro para os pobres de Jerusalém. Dividindo suas bênçãos espirituais com eles, os coríntios demonstravam que também pertenciam à verdadeira Igreja e praticavam seu Cristianismo.⁹

O apóstolo, preocupado com a presença de falsos apóstolos na igreja de Corinto, empenhou-se em defender sua autoridade apostólica, conforme vimos brevemente no comentário de Kistemaker. Mas esse assunto, para alguns, não era mais um objetivo, e sim o principal, pelo qual o apóstolo escreveu sua segunda epístola, como afirma, categoricamente, o Dr. Shedd em sua análise introdutória de 2 Coríntios. Segundo ele,

[...] o principal objetivo de Paulo era vindicar a sua autoridade apostólica, especialmente em vista do fato que a igreja em Corinto fora invadida por apóstolos falsos que procuravam solapar a autoridade de Paulo e desviar o povo do evangelho que dele haviam recebido. Ele escreve, entretanto, não como um mero indivíduo autoritário, mas antes, como um pai espiritual dos crentes de Corinto, aos quais amava e ansiava para que demonstrassem amor recíproco e permanecessem fiéis à verdade que ele lhes havia

⁸ SANTOS, 2011, p. 134.

⁹ KISTEMAKER, 2004, p. 43-44.

transmitido. A situação em Corinto era tal, que Paulo sentiu necessidade de falar sobre si mesmo. Embora tivesse apelado para o próprio conhecimento pessoal e íntimo que os coríntios tinham dele e de seu caráter, e embora tivesse lembrado os grandes sofrimentos e privações porque havia passado, a fim de apresentar-lhes a mensagem de salvação, ele o fez com transparente humildade e sinceridade e, de fato, até mesmo sentindo-se embaraçado. Por toda a epístola, a dignidade, a devoção, a fé serena e a apaixonada dedicação do apóstolo Paulo brilham com um intenso resplendor que aquece os corações de todos fora dos mais obstinados. Ele se apresenta aos seus leitores como alguém que é de todo fraco e inútil, mas que, através desta fraqueza, a graça e o poder de Deus são engrandecidos. Em contraste com a estima aos próprios olhos e o interesse próprio dos falsos apóstolos, encontramos o auto aviltamento de Paulo: tudo vem de Deus e visa à glória de Deus. A nota chave, que soa docemente por toda a epístola é a da divina certeza que lhe foi dada: 'A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza' (12.9). A redescoberta dessa epístola em nossos dias, com sua doutrina da reconciliação em Cristo e seu tema de glória através do sofrimento, significaria uma renovação da visão e da vitalidade do povo de Deus, e, por meio deles, a bênção para multidões que ainda se encontram nas trevas espirituais.¹⁰

Paulo preocupou-se com a situação espiritual da igreja em Corinto, enviou a Tito para observar o efeito de sua primeira epístola sobre a comunidade. Parece que a ansiedade de Paulo não cabia em si, e piorou quando, em Trôade, não conseguiu se encontrar com Tito. Após descer à Macedônia, ele teve a oportunidade de encontrá-lo, recebendo assim o positivo relatório do efeito de sua carta na vida da comunidade. Embora houvesse surtido um aparente resultado, os problemas na igreja em Corinto pareciam estar longe de acabar. O apóstolo ainda escreveu a epístola com um peso de autoridade, como objetivo de tentar anular totalmente qualquer resquício de rebelião causada pelos falsos apóstolos ou mestres na referida comunidade. Esta impressão é apresentada de forma esclarecedora por Angus:

Paulo partiu de Éfeso não muito depois de ter escrito a primeira epístola, e foi para Trôade. Ele esperava aí encontrar Tito (que tinha mandado a Corinto), para ser informado do estado da igreja, e do efeito produzido pela sua primeira carta (2.12,13). Mas não o achando ali, dirigiu-se para a Macedônia, onde a sua ansiedade foi aliviada com a chegada de Tito, que trazia seu relatório. Por ele, Paulo soube que as suas leais repreensões tinham ocasionado na alma dos cristãos de Corinto uma piedosa tristeza, levando-os a considerarem proficuamente própria disciplina da igreja. Mas, a despeito desses agradáveis sintomas, outros de gênero diferente e bem dolorosos se tinham manifestado. O partido que tinha a orientação dos falsos mestres estava ainda depreciando a sua autoridade apostólica e desvirtuando as suas intenções e conduta: fazia uso da primeira carta de Paulo para levantar novas acusações contra ele, pois diziam que não tinham cumprido a promessa de voltar a Corinto, e havia adotado uma maneira de escrever muito autoritária,

¹⁰ BÍBLIA Shedd. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Editor responsável Russell P. Shedd. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

que estava em desarmonia com a forma desprezível da sua pessoa e do seu modo de falar.¹¹

Boor é ainda mais enfático nesta conclusão. Ele afirma que há “*uma grande diferença entre as duas cartas*”. E pontua essa diferença da seguinte maneira:

Em 1 Coríntios estava em jogo questões específicas da vida eclesial, que eram abordadas uma após outra por meio de uma serena exposição. Na segunda carta aos Coríntios, porém, existe, a rigor – com exceção do trecho a respeito da coleta de Jerusalém –, somente um único tema: a autoridade apostólica de Paulo. (...) não é que todas essas questões tenham sido resolvidas de acordo com o desejo do apóstolo. (...) depreendemos como as tensões entre o apóstolo e a igreja haviam se tornado intensas. Nessa situação os coríntios certamente não estavam dispostos a dar ouvidos às instruções de Paulo (...). Sob esse ângulo, torna-se compreensível que a segunda carta aos Coríntios seja a carta mais pessoal que Paulo escreveu (...) ainda que Paulo não queira que seja entendida e lida nessa perspectiva (2Co 12.19).¹²

Diante dessa problemática que se apresentou para o apóstolo, ele se sentiu obrigado a apresentar sua defesa, o que o levou a escrever a segunda epístola aos Coríntios. Importante atentar para o fato de que a epístola não trata apenas desse assunto, mas, embora seja uma parte menor, ele apresenta a importância de esses irmãos contribuírem para os necessitados de Jerusalém.

Apesar de a ênfase da epístola ser a autoridade apostólica, os capítulos 8 e 9 da segunda carta aos Coríntios volta-se para a coleta de bens da igreja em Jerusalém que passava por grandes dificuldades financeiras. Isso contrasta com o resto da epístola, principalmente a partir do capítulo 10 em diante, onde Paulo parece ter mudado a tônica de sua mensagem. A presente inserção é tão evidente que alguns exegetas chegam a afirmar que esses capítulos finais são provenientes da epístola perdida, que fora escrita com lágrimas, conforme apresenta Boor:

Essa mudança é tão forte que, segundo a conclusão de diversos exegetas, sua unidade se rompe por causa dela. Seria impossível que Paulo escrevesse os capítulos 10-13 após as alegres frases do capítulo 7. Deveriam ser oriundos de outra carta do apóstolo, talvez da “epístola das lágrimas”, sendo posteriormente acrescentados a 2 Coríntios.¹³

¹¹ ANGUS, Joseph. *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*. São Paulo: Hagnos, 2003. p. 674-675.

¹² BOOR, Werner de. *Carta aos Coríntios*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2004. p. 293.

¹³ BOOR, 2004, p. 265.

1.4 Ênfase

O apóstolo Paulo enfatiza a misericórdia ao falar de “suas aflições e da necessidade da igreja perdoar e restaurar o membro incestuoso que tumultuava a congregação e liderava a oposição ao seu ministério em Corinto (2.6-11)”¹⁴. Aparentemente, ele usa a situação da igreja de Jerusalém e o exemplo da Igreja na Macedônia para justificar o assunto de sua epístola, que é a misericórdia e o consolo, o que acaba ocupando um lugar de menos destaque na epístola, após ele discursar em defesa de sua autoridade apostólica.

Embora 2 Coríntios esteja repleta da palavra “consolo”, também destaca o sofrimento e o júbilo, o que leva o apóstolo a antagonizar, por diversas vezes, a tristeza e a alegria, a vida e a morte, o prazer e a angústia, entre outros adjetivos, com o fim de mostrar que até seus sofrimentos o levariam a experimentar o consolo de Deus. Talvez, essa epístola tenha um teor muito mais de justificativa do que de doutrinação bíblica, embora continuamente ele faça uso dessa última. Portanto, a análise voltar-se-á para a motivação doutrinária.

1.5 Contexto Histórico

Nos dias do apóstolo Paulo, a cidade de Corinto era a capital de Acaia e também a sede do proconsulado (At 18.12). Antes de 146 a.C., Corinto chegou a ser considerada “a luz e a glória da Grécia”¹⁵, tamanha sua grandeza. Foi invadida e rendida por Lúcio Múmio em 146 a.C., ficando totalmente destruída. Após um século, Júlio César decidiu reconstruí-la por considerá-la estratégica para o império romano, denominando-a de *Colonia Laus Julia Corinthiensis*. Sua população era formada de “romanos livres e gregos despojados”¹⁶, chegando em torno de 600.000 habitantes, segundo Bittencourt.¹⁷ Ele ainda apresenta uma importante divisão da população coríntia. Afirma que havia pelo menos quatro grupos em que era dividida:

Havia uma aristocracia formada pelos descendentes dos *coloni* romanos. Os governadores, os oficiais do governo e grande número de residentes romanos, aportados na cidade por interesses comerciais, constituíam o segundo grupo. A massa da população grega, os *incolae*, livres e escravos,

¹⁴ LOPES, Hernandes Dias. *2 Coríntios: o triunfo de um homem de Deus diante das dificuldades*. São Paulo: Hagnos, 2007. p. 13.

¹⁵ BITTENCOURT, 2015, p. 26.

¹⁶ BITTENCOURT, 2015, p. 26.

¹⁷ BITTENCOURT, 2015, p. 27.

formavam um terceiro grupo. Neste grupo o escravo não era sinônimo de inferioridade completa, pois havia escravos mais sábios que seus senhores livres. 'O termo escravo identificava não somente os trabalhadores rurais, os jornaleiros e os empregados domésticos, mas também secretários, contadores, bibliotecários, empregados públicos, médicos e amanuenses, todos longe de serem considerados ignorantes'.¹⁸ O quarto grupo era o da população flutuante da cidade, constituída dos peregrinos, forasteiros, marinheiros em serviço e negociantes de além-mar e da própria Grécia.¹⁹

Após o advento do Espírito Santo (At 2), a igreja se expandiu consideravelmente por todas as regiões, alcançando todas as nações da terra. Com isso, ela encontrou muita oposição por parte dos judeus ainda nos dias de Paulo, que perseguiu a Igreja e, posteriormente, se converteu a Cristo sendo conseqüentemente perseguido.

Mesmo diante da adversidade, Paulo tornou-se um cristão sob o claro impacto da revelação de Jesus na estrada de Damasco (At 9.3-5), o que deixou para ele definida a relação íntima entre Jesus e Deus. Isso não apenas mudou a visão de Paulo quanto à vida de Jesus, como também transformou radicalmente a teologia do rabino, que logo assumiu um ministério apostólico de relevância para a Igreja de Cristo. Mesmo tendo uma formação farisaica desde o nascimento, da tribo de Benjamim (Fl 3.5) e embora tenha nascido em Tarso, foi criado em Jerusalém (At 26.4), onde tornou-se um dos principais líderes dentre o seu povo. Após o encontro com Cristo, considerou tudo isso como "perda por causa de Cristo" (Fl 3.7)

Paulo fundou a igreja em uma das principais cidades da Grécia antiga. Com o intuito de chegar a um amplo entendimento do contexto da epístola coríntia, faz-se imprescindível uma abordagem sociológica da época, o que foi fundamentado nas próprias palavras de Theissen, apud Kibuuka²⁰, quando afirma que "a abordagem sociológica é possível porque faz parte do método histórico"; bem como, ainda diz que "o método histórico crítico é eivado de perguntas sociológicas."²¹ Nesta linha de pensamento, torna-se importante fazer uma análise, ainda que sucinta, da sociedade em questão.

Theissen apud Kibuuka, apresenta três hipóteses sociológicas em Corinto. Sendo que,

¹⁸ MOFFAT, James. *The First Epistle os Paul to the Corinthians*. New York, Harpet & Brothers, s.d. p. 19.

¹⁹ BITTENCOURT, 2015, p. 27-28.

²⁰ KIBUUKA, Brian G. L. *A sociologia da cristandade primitiva*. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=1227>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

²¹ KIBUUKA, Brian G. L. *A sociologia da cristandade primitiva*. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=1227>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

“a primeira é a sociologia interpretativa de Max Weber e seu conceito de “tipo-ideal” (*Idealtypus*), ou ênfase unilateral de eventos isolados, que gera a divisão típico-ideal de três formas dominantes, que para o autor são patriarcalismo do amor e, radicalismo itinerante e espiritualismo gnóstico. Da sociologia marxista, Theissen utiliza a tese do conflito, considerando o conflito entre cidade e campo e entre os israelitas e os romanos, com o cuidado de não cair no reducionismo econômico. Da sociologia funcionalista, o autor utiliza a diferenciação entre intenção e função do texto e a tese da integração, que defende que a religião integra o homem na sociedade, como na adequação dos cristãos à esperança por um mundo novo (1Cl 1.15ss; Ef 2.13a), e rejeitando o mundo em que vivem (1Jo5.19; 1Co7.31), e integrando os excluídos (Mt 5.3; 19.11ss; Mc 9.43ss). Isto é o chamado patriarcalismo do amor.²²

Theissen apud Kibuuka, enfoca o contraste apresentado por Paulo desde a primeira carta aos coríntios, como os fortes e os fracos, a carne sacrificada aos ídolos e a ceia do Senhor dentro da igreja. Isto era, segundo o autor, um reflexo do contexto sociocultural dos dois grupos sociais, muito evidentes na cidade de Corinto na época de Paulo. Para Theissen, Paulo trata desse problema expondo seu comportamento diante dessa situação (1Co 9.19-22), pois para ele, os fracos provavelmente eram “os gentios e os “tementes a Deus”, os ex-simpatizantes do judaísmo.”²³

Kibuuka, apresenta o retrato pintado por Theissen da situação sócio-econômica dos Corintos exemplificada na comida sacrificada aos ídolos. Afirma Theissen:

Quanto ao modo de alimentação, as pessoas abastadas consumiam mais carne, porém havia nas cidades gregas um abastecimento público de alimentos, que garantiam a venda de porco e vinho a preços módicos. Porém, a carne era acessível à população através das ceias públicas em ambiente oficial, quando ocorriam eventos extraordinários, quando havia ceias sacrificiais públicas, festas religiosas ou convites particulares ao templo, o que gerava um problema de consciência quanto à participação nestas ceias (1Co 8.7). As classes mais baixas, que pouco comiam carne, só a conheciam nas celebrações pagãs, o que deve ter sido atrativo para os antigos judeus libertos das restrições judaicas (8.10). Nas ceias sacrificiais, há o indício de que esta era uma forma de comunicação, e as restrições quanto à carne sacrificada aos ídolos fincavam barreiras à comunicação, o que já ocorria na participação de outros eventos pagãos como a prostituição sagrada e com pessoas de má índole (5.9). O contato com os não cristãos envolvia as ceias conjuntas, e as pessoas de status elevado certamente deviam participar destas celebrações celtas e das refeições, devido aos seus contatos sociais. Portanto, isto explica a relação entre a riqueza e a idolatria na parênese cristã, dada à integração mais estreita dos cristãos mais abastados com os não cristãos, do que os cristãos com status social mais baixo. Os fortes fundamentavam seu comportamento com sua gnose, que pressupunha que os ídolos não existiam e que há só um Deus (8.4), e que os alimentos são para ao estômago (6.13). Estes grupos têm paralelos com o

²² KIBUUKA, Brian G. L. *A sociologia da cristandade primitiva*. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=1227>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

²³ KIBUUKA, Brian G. L. *A sociologia da cristandade primitiva*. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=1227>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

comportamento gnóstico posterior neste comportamento liberal frente à carne sacrificada a ídolos. Portanto, há relação entre os gnósticos e os fortes de Corinto, ainda que não seja possível definir se o gnosticismo em Corinto é incipiente, ou um paralelo exato com o gnosticismo do segundo século.²⁴

Este entendimento de que o conhecimento salva era a temática do gnosticismo, porém, somente a alta sociedade tinha acesso ao conhecimento, portanto, à salvação. Theissen apresenta a resposta de Paulo a essa sociedade que enxerga a partir do conhecimento, a salvação. O que torna, segundo ele, a referida epístola

[...] um fato social em si, e a própria epístola apresenta as senhas para desvendar a argumentação dos fortes utilizada na disputa: “nós temos o conhecimento” (1Co 8.1), Paulo conhece o problema por vias orais (1.11; 11.18) e vê estes pela perspectiva ‘de baixo’ (1.26ss; 11.20ss). Paulo responde praticamente só aos fortes (8.9, 10,11; 10.15,31), o que é reforçado pelo fato de Paulo dirigir um longo discurso a estes (9.1-27) sobre o sustento na missão (o que aponta para uma posição social mais abastada dos fortes). Portanto, as observações de Paulo indicam que os “sábios, poderosos e nobres de nascimento” (1.26) são os fortes, sendo estes formadores de opinião. Paulo, ao entrar na oposição entre fortes e fracos, busca pela via da adaptação dos costumes da classe alta aos costumes da classe baixa, deixando que os costumes diferentes existam (10.23ss).²⁵

Theissen denomina essa solução de patriarcalismo do amor, em que o forte se abstém em favor do fraco com o fim de instruí-lo com seu “conhecimento” para salvá-lo.

Este conceito tem fortes suspeitas de ser derivado da filosofia estoicista, segundo apresentam Miranda e Pereira Melo:

A despeito de serem consideradas apócrifas, as quatorze supostas cartas entre Sêneca e Paulo podem despertar, conforme mencionamos, o interesse daqueles que se dedicam aos estudos da Antiguidade Latina, especialmente do cristianismo primitivo. Esses documentos são mais uma evidência da forte influência que a moral e a ética estoicas exerceram sobre os primeiros autores cristãos.²⁶

Para a maioria dos estudiosos fica evidente que Paulo, o apóstolo, tenha sofrido as influências helenistas (nas quais a escola estoicista teve suma importância) e judaicas em sua formação teológica. Consequentemente, suas epístolas às

²⁴ KIBUUKA, Brian G. L. *A sociologia da cristandade primitiva*. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=1227>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

²⁵ KIBUUKA, Brian G. L. *A sociologia da cristandade primitiva*. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=1227>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

²⁶ MIRANDA, Marcos Vinícius Fernandes; PEREIRA MELO, José Joaquim. *O Filósofo e o Apóstolo: a correspondência entre Sêneca e Paulo de Tarso*. p. 1-9. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st13/Miranda,%20Marcos%20Vin%20A1cius%20Fernandes.pdf>>. Acesso em: 03 maio. 2016.

comunidades eclesíásticas revelaram essa influência através dos conceitos ali emitidos. Assim publicou o professor Uipirangi Franklin da Silva Câmara em seu artigo *Stoa Paulina: a resignificação de physis no conceito cristão*.

O ponto que se deve focalizar no momento, penso eu, é a relação profundamente entremeada entre as culturas gregas e judaicas: 'Por sua origem e formação, Paulo pertence a dois mundos culturais. Ele não renegou a nenhum dos dois, mas fecundou uma cultura com a outra.' Para Schreiner e Dautzengerg é fundamental para compreensão da mensagem e teologia do apóstolo Paulo levar em conta sua evolução interior e, a terra onde nasceu, sobretudo pela influência estoico-cínica.²⁷

Para Walker, o fato de Paulo ter nascido da cidade de Tarso e de ter tido a instrução e o conhecimento que tinha, eram fatores preponderantes que nos levam a concluir que provavelmente ele absorveu muitas ideias helênicas e familiarizou-se com elas, pelo menos *“até certo ponto, com a atmosfera política e religiosa do mundo que se espalhava além dos limites do seu lar de judeu ortodoxo”*.²⁸ É importante atentar que a influência helênica não se limitou apenas ao mundo grego/gentio, mas alcançou até mesmo a própria comunidade judaica. Isto torna-se um ponto importante de observação científica para a formação da estrutura teológica do Novo Testamento e principalmente da segunda epístola de Paulo aos coríntios, que é o objeto de nosso estudo. Para Schreiner e Dautzenberg (1977)²⁹ Paulo, antes chamado de Saulo (exemplo: Atos 9.4 AA),

[...] viveu desde a infância num ambiente aberto a pessoas de outras crenças e de convicções e sentimentos religiosos diferentes dos seus, o que na pátria-mãe judaica seria muito difícil de se aceitar. A diáspora foi o ambiente adequado à formação do futuro apóstolo dos pagãos, o qual herdara do pai a cidadania romana. Se sofreu a influência do paganismo, bem maior e mais vasta foi a influência que sobre ele exerceu o judaísmo, do qual descendia. Nas cartas refere-se ele com frequência à rigidez e à ortodoxia da sua formação judaica, afirmando-se 'circuncidado ao oitavo dia, do povo eleito de Israel, da tribo de Benjamin, hebreu, filho de hebreus' (Fl 3.5; cf. Rm 11.1; 2Co 11.22).

O cristianismo nasce em um contexto helênico, porém com um DNA judaico. Barreira (1995) apresenta esta linha com muita propriedade ao afirmar que

²⁷ CÂMARA, Uipirangi Franklin da Silva. *Stoa Paulina: a resignificação de physis no conceito cristão*. *Revista Via Teológica*, p. 4. Disponível em: <http://www.nupper.com.br/home2/wp-content/uploads/2-Stoa_Paulina.pdf>. Acesso em: 03 maio. 2016.

²⁸ WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã*. vl.1, 2. Texto revisto por Cyril C. Richardson, Wilhelm Pauck e Robert T. Handy. 3. ed. Rio de Janeiro: JUERP ; São Paulo: ASTE, 1981. p. 47.

²⁹ SCHREINER, Josef; DAUTZENBERG, Gerhard. *Forma e Exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977. p. 67.

[...] as origens do cristianismo já não devem ser buscadas tanto no mundo helenístico pagão, das religiões místicas e do gnosticismo, mas nas suas raízes judaicas, veterotestamentárias e intertestamentárias, sem esquecer, no entanto, que o judaísmo da época estava bastante helenizado. Judaísmo e helenismo não devem mais ser vistos como dois polos opostos; é melhor falar em 'judaísmo helenístico' integrador de elementos da cultura grega e da tradição judaica, sem sucumbir por isto diante do sincretismo pagão.³⁰

O apóstolo Paulo, de acordo com os autores citados, assume uma atividade fundamental na influência helênica no Novo Testamento, sabendo-se que o estoicismo foi fundamental nesta junção helênico-judaica neotestamentária, pois a ética estoica foi abraçada e apregoada por ambos os povos e endossada nas cartas paulinas, apesar de que o período helênico situava não apenas os estoicos, mas também os epicuristas, os neopitagóricos, os cétricos e os neoplatônicos. Mas foi na ética estoica que o apóstolo Paulo se identificou teologicamente para a formação da ética cristã na composição de suas epístolas, juntamente com sua formação rabínica.

Quanto à formação judaica de Paulo, Schreiner e Dautzenberg³¹ mencionam que Atos 22.3 nos informa que

[...] Paulo se transferiu para Jerusalém para receber a formação de escriba. Além de afirmar diretamente os seus sentimentos de fariseu (Fl 3.5), Paulo traz constantemente, na sua argumentação teológica, o conhecimento escriturístico da escola, que lhe permite tratar o Antigo Testamento 'academicamente'. Não é improvável, no entanto, que o período farisaico constitua apenas um episódio na sua vida (Bornkamm); de fato ele pressupõe um conhecimento da lei com outra estratificação que a da ortodoxia farisaica. Jamais se observa em Paulo o hábito da casuística e a manipulação minuciosa da torá, próprios dos fariseus. Para ele a torá constitui um todo unitário, ideia esta que terá uma importância decisiva no seu conceito cristão da lei. Judeu de estreita observância, a lei e a tradição constituíam para ele, desde a juventude, as colunas sagradas que sustentavam a sua vida. Não é, pois, de estranhar que, ao tomar conhecimento da comunidade cristã, passasse logo a combatê-la e persegui-la. Se nos perguntarmos pelo motivo da sua oposição ao cristianismo, deveremos responder que não foi tanto a fé da comunidade cristã no Messias, mas sim a percepção que a fé no Crucificado punha em questão e até abolia a lei, fundamento da religião judaica. Ou Cristo ou a lei, era uma alternativa do perseguidor Saulo, que não podia deixar de optar pela torá dos pais. O que o movia não era a vontade de destruir o cristianismo como um todo, onde quer que ele se encontrasse, mas o desejo de combater nele o que se opunha à lei; e era sobretudo isto que se ensinava na comunidade de cultura helenística de Damasco. O cristianismo de Jerusalém sempre acatou a lei, tanto antes como depois”.

A cidade de Corinto, por sua vez, era um centro grego onde a filosofia supracitada era amplamente aceita e divulgada. E neste contexto, o apóstolo Paulo

³⁰ TREBOLLE BARRERA, Julio. *A Bíblia judaica e a Bíblia Cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 11.

³¹ SCHREINER; DAUTZENBERG, 1997, p. 68-69.

escreve suas epístolas aos coríntios, sendo a segunda do Cânon a mais intensa no que tange à sua defesa ministerial.

Mesmo sob uma influência filosófica estoica, cuja ética apresenta-se como possível inspiração apostólica para a composição das epístolas paulinas, Bittencourt afirma que ela apresenta-se como “uma população de baixo nível moral e de interesses imediatos [...], uma colônia sem aristocracia, sem tradição, sem cidadãos bem estabelecidos.”³²

Portanto, entende-se que somente a filosofia grega não supria a necessidade ética da cidade. O apóstolo Paulo entra em Corinto apresentando o Evangelho como uma nova proposta a partir de uma doutrina fundamentada na teologia judaica, constituindo a teologia cristã.

1.6 Problema Textual

Hale³³ descreve um problema na interpretação textual da segunda epístola de Paulo aos coríntios. Ele apresenta duas teorias sobre sua composição, embora sua integridade seja mantida: a primeira defende uma escrita única, a segunda de que ela tenha sido uma compilação.

Ao apresentar a teoria da compilação, afirma que os capítulos 10 a 13 antecederiam os capítulos 1 a 9. Assim, o referido autor destaca a ocasião e o propósito da epístola:

Depois que Paulo escreveu 1 Coríntios, ele fez uma rápida visita a Corinto. Embora esta viagem não seja mencionada em Atos, Paulo diz que ele está para ir a Corinto por uma "terceira vez" (2Co12.14; 13.1,2). Como em nenhuma parte, em 1 Coríntios, se menciona uma viagem como tendo ocorrido, ela deve ter sido feita no intervalo entre estas duas cartas. 2 Coríntios 2.1 afirma que Paulo não queria fazer "outra visita dolorosa" a Corinto. A natureza exata do que aconteceu em Corinto é desconhecida, mas foi uma ocasião de grande desapontamento para Paulo. Aparentemente, sua autoridade apostólica fora questionada e rejeitada (2Co 12.12; 13.3). É feita menção dos "apóstolos superlativos" (11.5; 12.11), que haviam indicado que Paulo era menos "espiritual", por causa das coisas que sofreu: ele não era um "sucesso" (2Co11.23-12.10). 2 Coríntios 12.16-18 pode indicar uma acusação, por alguém na igreja coríntia, de que Paulo pretendia ficar com a oferta (1Co16.1-4) para si. Para evitar um desfecho (talvez no sentido de Atos 5.1-11), na turbulenta atmosfera, Paulo retornou a Éfeso e escreveu, "em muita tribulação e angústia de coração... com muitas lágrimas" (2Co2.4) uma carta "áspera", parte da qual é 2 Coríntios 10-13. O propósito foi esclarecer sua autoridade apostólica (12.11-13) e mostrar o que significa

³² BITTENCOURT, 2015, p. 30.

³³ HALE, Broadus David. *Introdução ao Novo Testamento*. Trad. Claudio Vital de Souza. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações; 1983. p. 173.

"espiritualidade" verdadeira. Ele não quis ir até os Coríntios em poder para castigá-los (13.10).

A teoria da carta única é o entendimento de que a epístola foi escrita de uma única vez, sendo apresentada da forma literal como se apresenta nas Escrituras Sagradas. Para a sustentação dessa teoria, Hale³⁴ afirma que a base está no texto grego mais antigo existente, que se apresenta como carta única. O autor entende que ainda que haja divergências entre as duas teorias. A situação histórica é aplicada integralmente às duas, como segue em seu comentário:

Paulo fez uma viagem a Corinto depois de escrever 1 Coríntios, foi rejeitado, retornou a Éfeso e escreveu a carta "áspera" que se perdeu. Indo a Trôade (2.12,13) e depois à Macedônia, ele encontrou Tito com as alegres notícias acerca da atitude mudada em Corinto (7.5-7). Paulo então escreveu esta carta, que prepararia o caminho para sua visita. Ele pode ter demorado na Macedônia um pouco mais, para dar oportunidade para que todos os membros da igreja se reconciliassem com ele antes de sua chegada. A carta tem três divisões lógicas: 1) A Alegria de Paulo Pela Reconciliação com a Maioria (1.1-7.16); 2) A coleta Para a Igreja de Jerusalém (8.1-9.15); 3) A Repreensão à Minoria Insubordinada (10.1-13.10). Esta interpretação pressupõe que nem todos os membros da igreja coríntia tinham abandonado suas posições de autoridade "espiritual". A maioria havia respondido aos apelos de Paulo na carta "áspera" e às admoestações de Tito, o representante pessoal de Paulo. Foi a esta atmosfera mista que Paulo escreveu esta última carta da correspondência coríntia, e foi à igreja coríntia que ele estava para fazer sua terceira viagem. Para a maioria, ela iria significar a alegria da reconciliação (7.2-16); para a minoria, os poucos que foram desobedientes, ela iria significar a demonstração do poder apostólico (13.1-10).³⁵

A segunda epístola de Paulo aos coríntios tem profundidade teológica, porém é desprovida de uma estrutura linear organizada. Pois, tem "linguagem solta, desajeitada e marcada por quebras repentinas; há digressões e apartes por toda a carta."³⁶ O principal objetivo do apóstolo Paulo era apresentar uma apologética pessoal, que justificaria seu apostolado, pois a igreja em Corinto estava sob influência de falsos mestres. Sobre isso afirma Shedd:

Ele escreve, entretanto, não como um mero indivíduo autoritário, mas antes, como o pai espiritual dos crentes de Corinto, aos quais amava e ansiava para que demonstrassem amor recíproco e permanecessem fiéis à verdade que ele lhes havia transmitido. A situação em Corinto era tal que Paulo sentiu a necessidade de falar de si mesmo. Embora tivesse apelado para o próprio conhecimento pessoal e íntimo que os coríntios tinham dele e de seu caráter, e embora tivesse lembrado os grandes sofrimentos e privações por que havia passado, a fim de apresentar-lhes a mensagem da salvação, ele o fez com transparente humildade e sinceridade e, de fato, até mesmo sentindo-se

³⁴ HALE, 1983, p. 174.

³⁵ HALE, 1983, p. 174.

³⁶ KISTEMAKER, 2004, p. 34.

embaraçado. (...) Ele se apresenta aos seus leitores como alguém que é de todo fraco e inútil, mas que, através desta fraqueza, a graça e o poder de Deus são engrandecidos.³⁷

Três são os propósitos apresentados por Ryrie em seu comentário introdutório à segunda epístola aos coríntios. São eles:

1. *Expressar alegria pela reação favorável da igreja ao ministério de Paulo (caps.1-7);*
2. *Relembrar aos cristãos seu compromisso para com a oferta aos membros da igreja da Judeia (caps.8-9);*
3. *Defender a autoridade apostólica de Paulo (caps.10-13).*³⁸

Embora não se apresentem muitas explicações por parte dos exegetas sobre os capítulos 8 e 9, pois alguns sugerem que eles estejam inseridos em um outro contexto textual, este trecho da epístola chama a atenção pela riqueza de informações da teologia da solidariedade apresentada pelo apóstolo Paulo. Se for uma epístola única, conforme argumentado anteriormente, ou se houver uma quebra entre os capítulos 1-9 e 10-13, como afirma Kistemaker³⁹, desperta-se um interesse maior, pois a temática de Paulo é a consolação, παρακλησις *paraklesis*; alguns entendem que os capítulos 8 e 9 também estão inseridos fora do contexto 1-7, sendo também quebrados e em decorrência disso, sugerem uma mudança temática nestes capítulos que apresentam uma petição apostólica para coleta de bens para a igreja em Jerusalém. Porém, esse trabalho adota o consenso da maioria dos comentaristas que entendem a quebra entre os capítulos 1-9 e 10-13, inserindo a coleta ao contexto de *paraklesis* apresentado pelo apóstolo.

Paulo considerou importante coletar donativos para a igreja em Jerusalém, pois já havia instruído os coríntios a investirem nos irmãos necessitados. Possivelmente esse ato também seja uma *paraklesis*, resultado da teologia apostólica, haja vista que a consolação era apregoada, anteriormente, pelos profetas de Israel (Is 40.1) e também pela própria Lei (Êx 23.11; Dt 15.11). “Como uma característica messiânica, devia ser trazida pelo Messias (Lc 2.25).”⁴⁰ Ainda a Bíblia de Jerusalém⁴¹

³⁷ BÍBLIA Shedd Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Vida Nova ; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997. p. 1631.

³⁸ A BÍBLIA Anotada edição expandida; ed. rev. e expandida. Charles C. Ryrie. São Paulo: Mundo Cristão ; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007. p. 1127.

³⁹ KISTEMAKER, 2004, p. 28.

⁴⁰ Comentário do versículo 3 da segunda carta de Paulo aos Coríntios. BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. 10. reimpressão. São Paulo: Paulus, 2015. p. 2017.

⁴¹ BÍBLIA de Jerusalém, 2015, p. 2017.

afirma que “a consolação consiste essencialmente na cessação da provação e no início de uma era de paz e alegria” (Is 40.1s; Mt 5.5). Este conceito pode ter norteadado Paulo a trabalhar para suprir as necessidades/sofrimentos da igreja em Jerusalém. Talvez até mesmo, fazendo-a perceber o Messias entre os gentios.

2 A PARAKLESIS COMO ASSISTÊNCIA AOS SANTOS

2.1 Definição

Coleta assevera que

[...] os conceitos de *paraklese* e *parênese* são geralmente utilizados para designar as exortações que Paulo faz em suas cartas com respeito à vida cristã na Igreja e no mundo. No entanto, o verbo *parakaleō* não contempla apenas o ato de exortar. Dentre os significados mais comuns, presentes nas Escrituras, Bieringer aponta: “pedir com insistência” e “consolar”. Ainda segundo Bieringer, atualmente “a consolação tem se mostrado um importante tema ético.”⁴²

Davis traduz *paraklesis*, como

[...] assistência legal, advogar ou intercessão. No Novo Testamento, é aplicada nos textos de Jo 14.16, 26; 15.26; 16.7 (como *parakleto*) à pessoa que comete a ação. No original destas passagens, de acordo com Davis, a tradução é conforto, porém, na epístola primeira de S. João 2.1, é advogado.⁴³

Louw e Nida interpretam *paraklesis* como “levar alguém a ficar encorajado ou consolado, seja de forma não verbal ou com o uso de palavras – animar, encorajar, consolar, encorajamento, ânimo”.⁴⁴ Embora seja um título do Espírito Santo, para eles, traduzir *parakletos* por “Consolador” constitui-se numa dificuldade maior, mesmo sendo assim traduzido tradicionalmente,

[...] pois sugere apenas um aspecto bastante limitado da ação do Espírito Santo. Um termo como “Auxiliador” é bastante genérico e pode ser muito útil em certas línguas. Em alguns casos, por exemplo, o conceito de “Auxiliador” é expresso idiomáticamente como “aquele que é como mãe para nós”. Ou, como foi traduzido numa língua do centro da África, “aquele que se joga ao chão do nosso lado”, isto é, alguém que, ao encontrar uma pessoa caída na estrada, se ajoelha do lado da vítima, cuida dela e a leva para um lugar seguro.”⁴⁵

Eles divergem de Davis quanto à tradução de *parakleto* como Advogado, porque afirmam que

⁴² COLETA, Karina Andrea Pereira Garcia. *O “Deus de Toda Consolação” no Sofrimento de Paulo: um estudo Exegético-Teológico na segunda Carta aos Coríntios*. Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, 2014. p. 11.

⁴³ DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1977. p. 124.

⁴⁴ LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. *Léxicos Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 274.

⁴⁵ LOUW; NIDA, 2013, p. 129.

Traduções baseadas no conceito de um advogado que atua no tribunal parecem, na maioria dos casos, ser demasiadamente restritivas. Além do mais, é possível que existam algumas conotações desagradáveis associadas ao termo advogado, especialmente porque em muitas culturas o advogado é visto antes de tudo como alguém que ‘suborna os juizes’ ou ‘diz sim e não ao mesmo tempo’ ou, como acontece em determinada língua, é conhecido como ‘um mentiroso profissional’.

A *paraklesis* alcança uma dimensão mais complexa no entendimento do apóstolo. Hawthorne, Martin e Reid, discriminam as denominações de *paraklesis* no ministério do apóstolo Paulo afirmando que

A campanha específica que Paulo liderou para coletar fundos a fim de aliviar a pobreza da Igreja de Jerusalém costuma ser chamada “coleta para os santos”. Embora superficialmente a noção geral da coleta seja bastante simples, a questão do propósito paulino leva a alguns problemas complexos. Paulo chama coleta “solidariedade” (*koinonia*, Rm 15.26; ver Hainz), “serviço”, “ajuda, assistência” (*diakonia*, Rm 15.25-31; 2Co9.1,12,13), “dons” (*charis*, 1Co 16.3; 9.5), “generosidade” (*eulogia*, 2Co 8.6,7,19), “coleta” (*logeia*, 1Co 16.1), “grandes somas” (*adrotôs*, 2Co 8.20) e “serviço desta coleta” (*he diakonai tes leitourgias*, 2Co 9.12). 2 Coríntios 8.4 usa três termos ao mesmo tempo: “com viva insistência, eles reclamaram de nós a graça (*charis*) de participar deste serviço em favor dos santos” (quanto aos termos, ver Dahl, 37-38).⁴⁶

Com base nestas informações, podemos concluir que a *paraklesis* está perfeita e diretamente associada à tradução “assistência”. Sendo, portanto, ordenado conforme a segunda epístola de Paulo aos coríntios, que trata de consolo e assistência como duas palavras sinônimas por parte dos intérpretes. Podemos entender que a assistência aos santos é uma atitude de consolo divino. Conceitua-se então, *Paraklesis* como “consolo” ou “assistência”.

2.2 A *paraklesis* no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, a assistência aos pobres era muito importante para que a justiça de Deus pudesse se manifestar entre o povo de Israel que vinha de um contexto de opressão e injustiça social. A Torá, enfaticamente, apresenta instruções sobre justiça social, para que houvesse igualdade. O Dr. Shedd afirma que

[...] a justiça social tem sua razão de ser na relação entre o homem e Deus na revelação transmitida ao homem registrada nas Escrituras. Deus é o defensor dos fracos, protegendo-os contra o insaciável ‘desejo do poder’ dos fortes. As estruturas ordenadas por Deus para Israel através de Moisés tinham como um de seus principais objetivos que esta equidade de Deus

⁴⁶ HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Loyola, Paulus, Vida Nova, 2008. p. 242.

fosse refletida nas instituições que governavam a vida de seu povo da aliança.⁴⁷

Para Shedd, toda a terra pertence ao Senhor (Sl 24.1; cf.50.12; Dt 10.14), portanto, como proprietário não há como haver direitos totais de posse a nenhum dono humano na terra.⁴⁸ Ele entende que

[...] uma vez que os hebreus pertenciam a uma sociedade agrária, a restauração das terras cedidas aos primeiros donos era uma cláusula importante na legislação divina. 'Não se venderão terras em definitivo, porque a terra é minha [...]' (Lv 25.23). A tendência humana natural de adquirir mais e mais terra, criando um monopólio, não deveria ser permitida. Em lugar de os fracos e pobres serem forçados à escravidão em épocas de dificuldade, seja por escassez de comida ou tragédia pessoal (como no caso de Noemi, Rt 1.1; 4.1-11), eles podiam começar de novo. Do mesmo modo, os escravos israelitas (reduzidos à servidão em tempos de crise e incapacidade de pagar uma dívida) devem ser libertos em intervalos de sete anos preestabelecidos (Dt 15.12). (...) as leis de Israel foram instituídas por Deus a fim de criar e manter uma sociedade justa para todos os seus membros, independentemente de classe ou posição. A nação refletiria assim a própria paixão por Deus pela sua justiça e sua equidade. Deus ordenou aos ricos que não negligenciassem ou desprezassem os pobres (Dt 15.7ss). (...) Por ser injusta, a opressão econômica foi declarada contrária à lei de Deus (Dt 24.17). A usura e os empréstimos deviam beneficiar os necessitados, e não o agiota capitalista (Êx 22.25ss). (...) Uma vez que Deus odeia a opressão, Ele quebrou as algemas da servidão de Israel (cf. Êx 20.2; Dt 15.15). Por ser o doador da prosperidade e o distribuidor da riqueza, Deus exige que sua generosidade seja reconhecida com gratidão e louvor (Dt8.11-20), acompanhados de um compromisso com a justiça. Deus é Deus de justiça e misericórdia, portanto exigiu o cancelamento das dívidas e empréstimos em tempos determinados (Dt15.1-6), e assim apresenta o modelo que deveria ser seguido pela nação em que é reconhecido. Sua justiça estabelece ira e pesados castigos aos líderes que não respeitam suas leis misericordiosas e justas. Em sua preocupação com os desprovidos, ele ordenou que os dízimos de cada terceiro ano fossem utilizados no sustento dos levitas que não possuíam terras, dos estrangeiros e das viúvas e órfãos (Dt26.12-15). A legislação social e as regras de culto são justapostas no Pentateuco para sublinhar o princípio de que Deus ordena aos homens que não só mantenham uma relação vertical adequada com Ele, mas também atribuam a necessária importância ao seu relacionamento com a criação e, especialmente, com seu próximo.⁴⁹

Shedd entende pelos textos bíblicos descritos em sua obra, que o dinheiro na mão do justo tem a função de promover a igualdade social, portanto, seria uma atitude espiritual, pois trata-se de cumprir a vontade de Deus. Com isso, a nação de Israel seria um modelo social e justo diante de todas as outras nações da terra.

Embora seja uma coerência textual nos escritos de Shedd a visão de riqueza no Antigo Testamento, essa teologia não é um consenso entre os exegetas. Ellul

⁴⁷ SHEDD, Russell P. *Justiça social e a interpretação da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 27-28.

⁴⁸ SHEDD, 2013, p. 28.

⁴⁹ SHEDD, 2013, p. 28-30.

apresenta uma análise da riqueza, no Antigo Testamento, que influenciou a teologia da prosperidade a partir da interpretação reformada. Ele afirma:

Sabemos que uma das deformações da Reforma foi precisamente considerar que, tendo o homem vocação para o exercício de seu trabalho, a fortuna que viesse com o bom exercício da profissão surgia como uma confirmação da vocação. Bem mais, trata-se de uma ação de Deus em nossa vida, na qual se manifestava a aprovação divina, a bênção. Aqueles que são abençoados por Deus fazem fortuna. E logo em seguida o outro lado do corolário estava estabelecido: aqueles que fazem fortuna são abençoados por Deus. O que pode, muito ortodoxamente, significar que aquele que faz fortuna reconhece que se trata de uma graça de Deus. Porém, isto significa, com mais frequência, que aqueles que fazem fortuna trazem para si, ao mesmo tempo, a justificação e a santificação. Tudo isto não é um exagero. É uma deformação do calvinismo, todavia essa opinião encontra seu apoio em um grande número de textos bíblicos; devemos considerar mesmo que ela é a expressão fiel do Antigo Testamento (...). Que a felicidade social seja uma característica de Israel, que as riquezas acumuladas pelos gentios passem às mãos do povo eleito, não é nem um acaso, nem uma qualidade abusiva da raça, é a exata realização das promessas de Deus dentro do Antigo Testamento. E inútil explicar pelas circunstâncias históricas o que se explica melhor por uma preocupação em realizar (mesmo que essa preocupação seja esquecida na maioria das vezes) a afirmação de Deus. Pois é indiscutível que a atribuição por Deus da riqueza está apresentada no Antigo Testamento como uma recompensa e como uma bênção.⁵⁰

Reimer afirma que Israel no Antigo Testamento era uma formação social que atravessou diversas fases no seu desenvolvimento, com uma economia pré-capitalista. Estava focada no desenvolvimento da produção artesanal nas cidades fortificadas, embora fosse uma sociedade agrária, em que 90% estava concentrada no campo.⁵¹

Percebe-se que o propósito da riqueza/bens no Antigo Testamento era fazer com que Israel tivesse meios para dar assistência ao necessitado. Grudem e Asmus⁵² destacam isso em sua obra, *A pobreza das nações*, quando afirmam que

[...], devemos ajudar os pobres porque há muitos mandamentos específicos nas Escrituras que nos mandam fazer isso. Aqui temos alguns: Quando algum de teus irmãos for pobre, em qualquer das cidades na terra que o Senhor, teu Deus, te dá, não endurecerás o coração, nem fecharás a mão para teu irmão pobre; pelo contrário, abrirás a mão para ele e certamente lhe emprestarás o que ele precisa, o suficiente para a sua necessidade (Dt 15.7,8).

⁵⁰ ELLUL, 2008, p. 59-60.

⁵¹ REIMER, Ivoni Richter (Org.). *Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: CEBI / Sinodal, 2006. p. 9.

⁵² GRUDEM, Wayne; ASMUS, Barry. *A pobreza das nações: uma solução sustentável*. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 41-42.

Pois nunca deixará de haver pobres na terra. Por isso, te ordeno: Livremente abrirás a mão para o teu irmão, para o necessitado e para o pobre na tua terra (Dt 15.11).

Bem-aventurado é o que dá atenção ao pobre; o Senhor o livrará no dia da calamidade (Sl 41.1).

Quem oprime o pobre insulta seu Criador, mas dá-lhe honra que se compadece do necessitado (Pv 14.31).

Por acaso não é este o jejum que escolhi? Que soltes as cordas da maldade, que desfaças as ataduras da opressão, ponhas em liberdade os oprimidos e despedaces todo jugo? (Is 58.6 – grifo nosso)

E nos recomendaram somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também procurei fazer com cuidado (Gl 2.10).

Quem, pois, tiver bens do mundo e, vendo seu irmão em necessidade, fechar-lhe o coração, como o amor de Deus pode permanecer nele? (1Jo 3.17).

2.3 Paulo e o Antigo Testamento

Paulo, certamente, fazia uso do Antigo Testamento para fundamentar sua teologia, em especial no que concerne à assistência aos pobres. Em sua segunda epístola aos coríntios, nos capítulos oito e nove, pode-se ter uma noção da relevância que ele dava ao Antigo Testamento para fundamentar e edificar a igreja cristã e com sustentação teológica junto aos problemas que eram apresentados na igreja primitiva. Beale e Carson⁵³ apontam para as bases veterotestamentárias na composição dos capítulos supracitados. No verso quinze do capítulo oito da segunda epístola aos coríntios, assim diz: *“como está escrito: o que muito colheu não teve demais; e o que pouco, não teve falta”*. Segundo eles, Paulo está defendendo uma igualdade na igreja tendo como referência a própria Torá (Êx 16.18). Eles perceberam que o texto de Êxodo foi detalhado na forma como Deus providenciou o alimento para o seu povo durante a jornada pelo deserto:

No ‘deserto de Sim’, o povo de Israel ‘murmurou contra Moisés e Arão no deserto’ (Êx16.1,2), porque tinha fome. Deus prometeu providenciar o ‘pão do céu’ para eles durante todos os dias da semana, e uma porção dobrada no sexto dia, de modo que não precisassem recolher o pão no dia de sábado (v.4,5). Moisés e Arão transmitiram a mensagem do Senhor ao povo, e a glória do Senhor apareceu a todos (vv.6-10). Depois que a promessa de Deus se cumpriu, o povo se perguntou que tipo de comida era aquela (v.15 ...). Então, Moisés explica o que Deus fez: ‘Foi isto o que o Senhor ordenou: Cada um recolherá dele conforme o que consegue comer; um ômer por cabeça, segundo o número de pessoas; cada um recolherá para os que estão na sua tenda’ (v.16). E assim o povo fez, e ‘alguns deles recolheram mais, e outros, menos’ (v.17). O versículo seguinte informa o leitor que, apesar alguns terem recolhido mais, depois de comer não houve sobras, porque aconteceu que

⁵³ BEALE, G. K; CARSON D. A. (Orgs.). *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 962-963.

todos recolheram o que eram capazes de comer na ‘tenda’. É da história detalhada do maná que Paulo extrai sua citação: ‘Quando, porém, o mediam com o ômer, nada sobrava ao que recolhera muito, nem faltava ao que recolhera pouco; cada um recolhia tanto quanto conseguia comer’ (v.18).⁵⁴

Beale e Carson entendem que Paulo estava preocupado com o envolvimento dos coríntios na assistência aos pobres de Jerusalém. Eles apresentam, então, que

Ele (Paulo) buscou nas Escrituras um texto que reforçasse seu argumento de que os coríntios deveriam ajudar os pobres em Jerusalém. No contexto original, os verbos “sobrar” e “faltar” referem-se aos indivíduos de Israel: cada pessoa tinha a quantidade exata para si (e para as pessoas que lhe pertenciam ou que viviam em sua tenda). (...) Para Paulo, ‘o conceito de igualdade encontra apoio escriturístico na história do maná, em Êxodo 16, em que se lê que cada um tinha o suficiente, nem mais, nem menos (Thrall 1994-2000, 2:542-3 [cf. Lang 1986, p.320]). No contexto de Corinto, o apóstolo argumenta que, em determinado período, Deus supriu alguns membros da igreja com mais, de modo que pudessem ajudar os que tinham menos naquele momento (e.g., no caso de uma fome [v. Martin 1986, p.261]). Assim, pode-se dizer que, para o apóstolo, o ponto importante na citação é o próprio fato de Deus providenciar alimento para seu povo. Para Paulo, o ‘princípio da igualdade’ significa que a providência de Deus é para todo o seu povo (v. Thrall 1994-2000, 2:543). Uma imagem é emprestada de outro contexto paulino: os membros do corpo da igreja devem assumir uns aos outros em períodos de necessidade (cf. 1Co12.14-16; v. Lang 1986, p.320; Matera 2003, p.192). Os coríntios não devem guardar o que possuem para si, porque os “santos” da congregação de Jerusalém estão passando necessidade. É a vontade de Deus que cada membro de seu povo tenha provisões suficientes (como demonstra o exemplo do maná, em Êx16); portanto, os coríntios devem oferecer ajuda agora. É por isso que Deus deu mais nesse momento em especial (v. Matera 2003, p.193). Portanto, Paulo usa Êxodo16.18 como analogia.⁵⁵

No capítulo nove, Beale e Carson identificam ainda o uso de três livros do Antigo Testamento que foram utilizados por Paulo. Eles afirmam que

Ele (Paulo) extrai de Provérbios e Isaías algumas expressões curtas que insere em suas frases, e entre ambas as expressões Paulo cita uma frase inteira do Salmo, introduzida por uma fórmula. As citações do AT apoiam o pedido de Paulo para que os coríntios se disponham a oferecer uma generosa ajuda financeira aos ‘santos’ pobres de Jerusalém (v. tb 9.1,12, em que eles são chamados *hagioi*). Por meio de um emprego analógico dos três textos do AT, Paulo está dizendo que, assim como Deus exortou os israelitas a ser doadores generosos, a nova comunidade da aliança dos coríntios está sendo exortada a contribuir. Não sabemos se os coríntios reconheceram as referências não identificadas do AT. Eles devem ter entendido pelo salmo, destacado como citação, que é a vontade de Deus que os justos contribuam de forma generosa em favor dos outros (assim Matera [2003, p.208], que conclui: ‘Portanto, do começo ao fim, a coleta é obra de Deus’). É importante que Paulo utilize a Escritura como autoridade para apoiar seu pedido num assunto relacionado às congregações cristãs.⁵⁶

⁵⁴ BEALE; CARSON, 2014, p. 963.

⁵⁵ BEALE; CARSON, 2014, p. 964.

⁵⁶ BEALE; CARSON, 2014, p. 967.

Paulo, portanto, reflete sobre realidades espirituais para os coríntios a partir da Torá. Este princípio fora bastante utilizado pelo apóstolo com o fim de justificar sua mensagem e validar biblicamente sua mensagem. Neste caso, ele queria ressaltar, a importância da igualdade na sociedade cristã.

O Antigo Testamento assume um vital papel na apologética cristã, pois ela é a raiz da teologia neotestamentária. A assistência defendida por Paulo encontra sustentação plena no Antigo Testamento. Isto porque a assistência é ordenada pelo Deus de Israel ao seu povo desde o princípio da constituição da nação. A Torá ordena a assistência e a prática contínua das contribuições nas festividades litúrgicas.

Comblin destaca que o direito dos pobres surgiu dentro de um contexto judaico, pois para ele, os gregos não suscitavam nenhuma reflexão sobre os necessitados, como afirma a seguir:

Na cultura grega, a esmola não responde a um direito dos pobres, mas à expressão de bons sentimentos, de compaixão. Ela é absolutamente livre e gratuita. Não existia o direito dos pobres e nem era concebível (...). O conceito de direito dos pobres vem do judaísmo. As leis de Israel contêm, nos seus diversos códigos, medidas para proteger os pobres contra a voracidade dos ricos. Os profetas protestam contra a avareza dos ricos que se atribuem todos os bens e deixam os pobres na miséria. O próprio povo de Deus reconhece ao seu povo, que caminha no deserto, o direito de comer, e lhe fornece os alimentos necessários. Certas leis, como a lei do jubileu, tendem explicitamente a impedir que se implante no povo de Deus uma desigualdade permanente e que haja pobres permanentes.⁵⁷

2.4 *Paraklesis* no Novo Testamento

No Novo Testamento, a palavra “*Paraklesis*” aparece 28 vezes, de acordo com o *Bible Work NT Morphology*⁵⁸, sendo traduzida por consolação, exortação, conforto, rogo, pedido, apelo, alento. O texto, objeto de nossa análise, apresenta a *paraklesis* somente nos versículos 4 e 17 do capítulo 8, traduzido como pedido, rogo, apelo.⁵⁹ Nos demais textos, é comum traduzi-la por consolação, exortação ou conforto.

A assistência (*paraklesis*) aos santos tem sido uma preocupação muito pregada por todo o Novo Testamento, principalmente pelo apóstolo Paulo. Isso pode ter sido um reflexo natural da nova personalidade eclesiástica instituída no cumprimento dos dias de Pentecostes, quando os irmãos em Cristo, reunidos, ficaram

⁵⁷ COMBLIN, José. *Comentário bíblico: segunda epístola aos Coríntios*. Petrópolis: Imprensa Metodista ; Vozes ; Sinodal, 1991. p. 122.

⁵⁸ BibleWork 7.

⁵⁹ Segundo a versão Almeida Revista e Atualizada.

cheios do Espírito Santo (At 2.1-4). A partir desse momento, a igreja começa a adotar um perfil de comunhão (At 2.42, 44) a ponto de vender tudo o que possuía para repartir entre si, conforme a necessidade de cada um (At 2.45). Provavelmente este princípio tenha norteado o pensamento do apóstolo, bem como a doutrina da igreja primitiva. Para Hawthorne, Martin e Reid, o compartilhar é o que se domina na interpretação de *koinonia*. Segundo eles,

Paulo usa o substantivo *koinonia* e seu cognato *koinoneo* no sentido ativo de 'partilhar com' outro indivíduo ou grupo. Assim, os macedônios ajudaram os santos muito pobres da Igreja de Jerusalém com sua 'contribuição' (*koinonia*), isto é, sua 'generosidade' (2Co 8.4), mesmo quando eles próprios estavam em grande dificuldade financeira. Paulo quer que os coríntios sigam esse exemplo esplêndido (2Co 9.13). Do mesmo modo, em Fl 1.5, o apóstolo afirma estar grato por terem os filipenses tomado parte 'no evangelho' (*evangelion*). Essa frase não deve ser entendida em sentido passivo e, assim, equivalente a 'vossa fé' (*Seesemann*), mas denota a ativa cooperação deles no sentido mais amplo. *Evangelion* é substantivo de ação que descreve a atividade de promover a missão evangélica aos gentios. Vários autores entendem que aqui o verbo significa 'generosidade', sendo a ajuda financeira dos filipenses sinal dessa cooperação ativa. Em sua oração inicial por Filemom, Paulo roga que a 'participação (*koinonia*) na fé por parte de seu colaborador' leve-o efetivamente a um entendimento mais profundo de todo o bem que ele e outros podem realizar pela causa de Cristo (Fm 6). Assim, substantivo e verbo designam uma forma concreta dessa generosidade e passam a significar uma 'dádiva', uma 'contribuição' (Fl 4.15; Gl 6.6) e até a 'coleta' pelos cristãos necessitados da Igreja de Jerusalém (Rm 15.26).⁶⁰

A *paraklesis* estava presente na vida prática do apóstolo Paulo. Esta preocupação poderia ter como motivação uma direção dada pelo Espírito Santo que levou Paulo e os demais apóstolos a um acordo. Esse acordo é mencionado em Gl 2.10. Ele se esforça para honrar esse acordo, não por força de um tratado aleatório, mas pelo discernimento da importância de ajudar os pobres de Jerusalém. Portanto, a *paraklesis*, em forma de coleta, era muito comum, não somente na vida de Paulo, mas também na vida dos demais apóstolos.

Logo no início da formação da igreja cristã em Atos 2, percebe-se que a comunidade de Jerusalém tinha essa prática muito presente em sua vida.

E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, [...]. (Atos 2.42-46)

⁶⁰ HAWTHORNE; MARTIN; REID, 2008, p. 1184.

2.5 Cristo e o Espírito Santo como *parákletos*

Davis⁶¹ traduz o termo grego, *parakletos*, como assistente legal, advogado ou intercessor, a partir dos textos de João 14.16, 26; 15.26; 16.7. Segundo ele, a partir texto original destas passagens, a tradução deveria ser confortador, porém a epístola primeira de S. João 2.1, é advogado e aplica-se:

[...] ao Senhor Jesus Cristo, que, no evangelho segundo Jo 14.16, se revela como advogado dos pecadores, conselheiro, dando ânimo aos discípulos enquanto estava presente com eles. Agora, à mão direita do Pai, intercede por nós e advoga a causa dos crentes, 1Jo 2.1, como o que fazia quando estava sobre a terra, Lc 22.31,32; Jo 17; e ao Espírito Santo, que dá testemunho de Cristo aos crentes, e que ao mesmo tempo o glorifica, Jo 15.26; 16.14, em oposição aos pensamentos iníquos dos homens, apresentando-os como aquele que foi escolhido entre milhares, sempre amável, desejado das grandes contingências humanas. O paráclito é o Espírito de verdade que ensina e guia os crentes nas investigações da verdade, 15.26; 16.13,14, convencendo o mundo do pecado, da justiça e do Juízo; é aquele que ensina a orar e que ora por nós com gemidos inexplicáveis, Rm 8.26,27.⁶²

Com esta afirmação de Davis, percebe-se que Cristo e o Espírito Santo são detentores dessa mesma característica da divindade que é a consolação e ambos também são dádivas de Deus, o Pai. Ao receberem o Espírito Santo no cumprimento de Pentecostes, todos ficaram cheios Dele (At 2.4); certamente foi uma manifestação que transformou a vida e a conduta dos discípulos e daqueles que lá estiveram. Percebe-se claramente que a comunidade de Jerusalém caminha preocupada com os mais fracos e oprimidos.

2.6 A Igreja vivendo *paraklesis*

Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum. Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. Pois nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes e depositavam aos pés dos apóstolos; então, se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade. (At 4.32-35)

Evidencia-se a característica da divindade de Cristo e do Espírito Santo na vida da comunidade de Jerusalém. Eles estão juntos se consolando mutuamente para suprimento de suas necessidades físicas, espirituais e emocionais. No texto acima,

⁶¹ DAVIS, 1977, p. 124.

⁶² DAVIS, 1977, p. 124-125.

imprime-se a ideia de que o fato de se ter tudo em comum, não significava necessariamente uma desordem, pelo contrário, havia uma ordem estabelecida a partir dos apóstolos, a qual tinha o propósito de melhor servir aos necessitados. Esse fato pode ser exemplificado no texto de Atos 6.1, quando os apóstolos percebem que havia problemas na distribuição das coletas.

A *paraklesis* estava presente na vida diária da comunidade e isto parece ter sido de vital importância para os apóstolos, que ainda em Jerusalém instituem os diáconos com o fim de sanar o problema e melhor servir os irmãos, como diz o texto abaixo.

Então, os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas. Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra. O parecer agradou a toda a comunidade; e elegeram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia. Apresentaram-nos perante os apóstolos, e estes, orando, lhes impuseram as mãos. (At 6.2-6)

A coleta como *paraklesis* é vista como prática e preocupação, porém, ela não é a prioridade da *paraklesis*, sendo o ministério da palavra e da oração a prioridade apostólica para o pleno desenvolvimento comunitário no espírito, alma e corpo.

Este entendimento ocupa a vida prática, não somente da igreja em Jerusalém, mas serve como modelo para as comunidades que vão surgindo no meio gentílico. Por este motivo, no concílio apostólico (agregar uma nota explicativa sobre esse concílio), a prioridade ao desenvolvimento espiritual fica bem discriminada como atitudes práticas da igreja de Jesus, tanto entre os judeus como entre os gentios (Gl 2.10).

Essa postura torna-se fundamental porque ensina que o evangelho é um processo de libertação, contemplando inicialmente o mais oprimido, fraco. O serviço de diaconia tem que se valer dessa perspectiva, porque “a *diaconia cotidiana, que atua tanto na superação de necessidades como na transformação estrutural, constrói esperança na vida de todas as pessoas que dela participam.*”⁶³

Percebe-se que o trabalho diaconal é mais do que apenas ajudar com recurso financeiro ou espiritual ao necessitado, pois a história revela que há muito mais que acaso na relação entre os fortes e os fracos. As oligarquias sempre se organizaram

⁶³ REIMER, 2006, p. 192.

para oprimir o mais fraco, em todas as esferas de sua vida, a fim de continuar dominando como descreve o próprio Nietzsche.

O crescimento da comunidade frutifica no indivíduo um interesse novo que o aparta da sua pena pessoal, da sua aversão à sua própria pessoa. Todos os doentes aspiram instintivamente a organizar-se em rebanhos, o sacerdote ascético adivinha este instinto e alenta-os onde quer que haja rebanhos, o instinto de fraqueza forma-os, a habilidade do sacerdote organiza-os. Não nos enganemos: os fortes aspiram a separar-se e os fracos a unir-se; se os primeiros se reúnem, é para uma acção agressiva comum, que repugna muito à consciência de cada qual; pelo contrário, os últimos unem-se pelo prazer que acham em unir-se; porque isto satisfaz o seu instinto, assim como irrita o instinto dos fortes. Toda a oligarquia envolve o desejo da tirania; treme continuamente por causa do esforço que cada um dos indivíduos tem que fazer para dominar este desejo.⁶⁴

Esse problema tem sido muito pensado e discutido ao longo dos tempos, e a igreja surge como resposta e, portanto, com uma responsabilidade motivada pela palavra de Deus e a oração, em continuar a ajudar os mais necessitados, libertando-os das garras da opressão. Reimer afirma que

[...] a economia de Deus – isto é, a maneira como, pela fé, cremos que Deus quer administrar conosco sua casa – e a diaconia desafiam e auxiliam a desenvolver estratégias de reconstrução de dignidade e de esperança a partir das pessoas empobrecidas.⁶⁵

Ela ainda enxerga em Mt 25.31-46 a necessidade de “*interpretarmos a falta de interpretatividade do caos, no sentido de percebermos que o caos é também uma possibilidade de criar o novo*”.

Nisto consiste a *paraklesis* na igreja, tendo o fim de trazer libertação integral ao ser humano, principalmente aos mais fracos. Assim surge a comunidade de Jerusalém e as comunidades gentílicas no primeiro século, na qual está inserida a igreja de Corinto.

2.7 A Economia de Deus como *paraklesis*

As comunidades crentes em Cristo de modo geral são providas com conceitos desse âmbito da experiência social. Elas até são designadas explicitamente de ‘casa’ (*oikos*) de Deus (1Tm 3.15) ou seus membros como membros da casa (*oikeîoi*) de Deus (Ef 2.19) ou familiares na fé (Gl 6.10). O apóstolo Paulo pode circunscrever o seu cargo de proclamação como *oikonomía* – como a tarefa de condução e administração de uma casa (1Co

⁶⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Trecho do livro: Genealogia da Moral*. Disponível em: <<http://www.citador.pt/textos/os-fortes-aspiram-a-separarse-e-os-fracos-a-unirse-friedrich-wilhelm-nietzsche>>. Acesso em: 27 set. 2016.

⁶⁵ REIMER, 2006, p. 192.

9.17). Em 1Co 4.1s., ele utiliza para a sua atividade missionária outros conceitos do âmbito social da economia doméstica – ele é servo (*hyperétes*) de Cristo e ecônomo (*oikonómos*) dos mistérios de Deus. De modo semelhante, em Cl 1.25, ele se chama diáconos (escravo doméstico responsável por servir a mesa) da economia doméstica (*oikonomía*) de Deus. Em 1Ts 1.7s., é prescrito o código de honra de um administrador doméstico (*oikonómos*) para o líder da comunidade crente em Cristo. (...) Às metáforas da casa e família correspondem também exortações éticas ao amor ao próximo e aos irmãos. Elas se orientam, cada uma à sua maneira, por antigas normas de reciprocidade, sendo que o amor fraternal representa antes um comportamento solidário dentro da família nuclear ou da parentela, enquanto o amor ao próximo, a reciprocidade equilibrada entre vizinhos e amigos.⁶⁶

A economia da igreja estava ligada à relação familiar que os crentes tinham uns com os outros em Cristo. Isto facilita nossa compreensão da conduta comunitária cristã e da preocupação dos apóstolos em manterem-se vinculados e suprindo uns aos outros em suas necessidades a partir do amor. A própria divindade, como vimos anteriormente, está pessoalmente e intimamente comprometida com essa relação que fortalece os vínculos e torna a igreja mais missionária.

⁶⁶ STEGEMANN, Ekkehard W., STERGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo – os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulus, 2004. p. 313-314.

3 ANÁLISE DA VIDA DE PAULO E A TEOLOGIA DA COLETA ENTRE OS GENTIOS DE CORINTO

3.1 Resumo Biográfico de Paulo

Paulo era judeu. Seu nome originalmente era *Shaul*, em hebraico, e *Paulos* em grego, cujo significado é pequeno. Ficou conhecido no mundo gentílico cristão como Paulo. Nasceu em Tarso, principal cidade da Cilícia, fariseu da tribo de Benjamim (Fp 3.5 Rabino, criado aos pés de Gamaliel (At 22.3), onde teve um aprendizado significativo sobre a Lei e os profetas, tornou-se zeloso da Lei e da tradição. Provavelmente tivesse sido uma importante personalidade no meio judaico. Por seu zelo à Lei, foi um veraz perseguidor da Igreja de Jesus. Possivelmente, fosse membro do Sinédrio, ocupando lugar de destaque (At 26.9-11).

Embora fosse filho de fariseu, Paulo também tinha cidadania romana. Existem, a este respeito, algumas ambiguidades quanto ao processo de aquisição dessa cidadania. Alguns afirmam que poderia ter sido por uma questão de honra dos serviços prestados a Roma, outros objetam afirmando que ele comprou, ou ainda, conforme a maioria, ele conquistou pelo nascimento em Tarso, província romana.

Tarso era uma cidade onde havia uma escola estoica. Provavelmente, Paulo tivesse estudado ali, sendo influenciado por sua filosofia grega, porém, jovem ainda, foi levado a Jerusalém, por seus pais, para ser instruído na filosofia judaica, onde foi educado conforme a Lei de Moisés. Lá, em Jerusalém, aprendeu uma profissão - fazer tendas (At 18.3).

Paulo, possivelmente tivesse o apoio tanto da liderança religiosa judaica como da liderança política de Roma para justificar sua perseguição aos cristãos, a quem considerava hereges e ameaça à fé judaica (At 26). Por isso, se empenhou em prender e até matar todos os discípulos de Cristo, como no caso de Estevão (At 8.1-3).

Todavia, seus projetos de extermínio aos cristãos foram frustrados quando saiu para executar uma missão anticristã em Damasco. Ainda na estrada para Damasco, deparou-se com uma forte luz que o cegou temporariamente (At 9.1-9; 26.13,14). Esta luz que se revelara a Paulo era Jesus, a quem ele perseguia (At 9.5).

Após este momento, Paulo, ainda cego, foi à casa de Judas, provavelmente sendo conduzido por seus companheiros que viajavam com ele (At 9.11). No terceiro dia, Ananias recebeu ordem do Senhor para visitar Paulo na casa de Judas, a fim de impor as mãos sobre ele para ser curado. Apesar de todo o receio de Ananias, que conhecera Paulo como um forte opositor da Igreja, obedeceu ao comando do Senhor. Lá chegando, ministrou cura, enchimento do Espírito Santo e batismo (At 9.10-19).

Paulo continuou alguns dias ainda em Damasco com os discípulos de Jesus. Em seguida, ele inicia seu ministério junto à Igreja de Jesus, sendo posteriormente o fundador e mentor de diversas igrejas gentílicas, entre as quais está a de Corinto.

3.2 Teologia Paulina

Com uma formação judaica, provavelmente, todo o complexo teológico de Paulo tenha como matriz a Torá. Todas as epístolas revelaram um pensamento cristocêntrico nas doutrinas paulinas. Este ensino se fortalece na incansável tentativa de mostrar que Cristo foi o promotor da graça e cumpridor da Lei. Percebe-se que Paulo não se priva de argumentos na tentativa de unir gentios e judeus no evangelho de Jesus Cristo, por isso uma mensagem cristocêntrica. Cerfaux⁶⁷ aponta o cristocentrismo nas temáticas apresentadas por Paulo nas epístolas.

As questões da *parusia* e da ressurreição dominam as Epístolas aos tessalonicenses e continuam vivas na primeira Epístola aos coríntios. Discussões sobre a justiça cristã e a sabedoria de Deus determinam o nível das grandes epístolas, inclusive o da primeira aos coríntios, assim como o problema dos carismas, da ceia e talvez de certa concepção mais 'mística' da vida cristã. Nas epístolas do cativo concentra-se a exposição do 'mistério' de Cristo.⁶⁸

E quanto à centralidade de Cristo na mensagem, Cerfaux afirma que:

Paulo, efetivamente, entra no cristianismo com a percepção nítida da união íntima e pessoal de Cristo com Deus. Esta percepção foi-lhe revelada por ocasião de seu chamado. Qualquer que seja a ideia que se tenha do acontecimento do caminho de Damasco, mister se faz confessar que Cristo se torna num instante o centro de seu pensamento religioso e que esse Cristo é 'Filho de Deus'.⁶⁹

⁶⁷ Lucien Cerfaux, teólogo e exegeta que durante décadas ensinou na Universidade de Lovaina.

⁶⁸ CERFAUX, Lucien. *Cristo na teologia de Paulo*. Santo André: Academia Cristã, São Paulo: Paulus, 2012. p.13-14.

⁶⁹ CERFAUX, 2012, p. 15.

A submissão à Lei não se opõe, segundo alguns estudiosos, à graça de Deus, pois esta se manifesta no sentido de libertar o ser humano, escravo do pecado, tornando-o livre para obedecer a Deus pela submissão às Suas Leis. Como rabino judeu, possivelmente Paulo poderia ter tido este discernimento. Em seu artigo “Paulo e as ‘obras da Lei’”, Matheus Zandona⁷⁰ diz que:

Paulo não poderia ser contra a obediência à Torá, pois usou seu próprio testemunho para atestar o contrário (At 24:14, 25:8). Ele também atesta que a Lei é espiritual e boa, e o mandamento, santo, justo e bom (Rm 7:12-14). Não é a Torá o problema, mas sim, o LUGAR onde a mesma está escrita. Na chamada NOVA ALIANÇA, Deus utiliza a obra de Seu ungido para escrever a LEI (Torá) no coração do Seu povo (Jr 31:31).⁷¹

Portanto, a Lei, só poderia ser cumprida mediante a Nova Aliança e esta, por sua vez, só existiu por meio de Cristo (Hb 12.24). Dessa forma, Cristo torna-se o centro da graça e, conseqüentemente, da Lei, por ser, Ele mesmo, “o Verbo que se fez carne” (Jo 1.14). Esta teologia cripto-judaica apostólica paulina é fundamental para se ter uma leitura relacional entre os testamentos e a harmonia entre as epístolas e a Lei. Sendo, inclusive coerente com a teologia da libertação, que vem sendo construída desde Gênesis e alcançando seu ápice na morte e ressurreição de Cristo, o nosso Libertador (Cl 1.13), segundo as Escrituras.

Os evangelhos da circuncisão e o da incircuncisão são grandemente concordantes em sua formulação, segundo Schnelle⁷²,

[...] ambos os lados entenderam o cerne do Evangelho certamente de maneira como é transmitido, por exemplo, em 1Co 15.3b-5: (‘[...] que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, que foi sepultado e que foi ressuscitado ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e que apareceu a Cefas, e depois aos Doze’). Além disso, sinais de identidade tipicamente judaicos permaneciam indiscutidos, como, por exemplo, o monoteísmo e numerosas advertências éticas. E finalmente, todos partiram da convicção de

⁷⁰ Matheus Zandona Guimarães é nascido em 1977. Descendente de judeus com origem na Itália e em Portugal. É graduado em Comunicação Social (PUC-MG) tendo também estudado teologia com ênfase em Estudos Judaicos (EUA) e Hebraico e Cultura Judaica (Israel). Atua como professor na Sinagoga Har Tzion, em Belo Horizonte, desde 2001. Atualmente, é vice-presidente do Ministério Ensinando de Sião – Brasil, diretor do CATES (Centro Avançado de Teologia Ensinando de Sião), da TVSIAO.COM e um dos líderes da Sinagoga Har Tzion. Matheus é casado com Tatiane e tem dois lindos filhos, Daniel e Benjamin. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mzandonna>>. Acesso em: 30 set. 2016.

⁷¹ GUIMARÃES, Matheus Z. *Paulo e as obras da lei*. Disponível em: <<http://ensinandodesiao.org.br/artigos-e-estudos/paulo-e-as-obras-da-lei/>>. Acesso em: 30 set. 2016.

⁷² Udo Schnelle, professor de Novo Testamento na Martin-Luther-Universität Halle – Wittenberg.

que, para as pessoas que criam em Jesus, a salvação podia ser alcançada somente em continuidade com Israel.⁷³

3.3 Paulo e o Pano de Fundo Histórico-Cultural de Corinto

Os coríntios se consideravam bastante evoluídos cultural e economicamente diante de outras cidades no tempo apostólico. Bittencourt afirma que

Como centro cultural, Corinto estava longe de ser uma rival de Atenas, grande centro universitário da época. Os chamados Jogos do Istmo, constituídos como corrida pedestre, de carro e luta de boxe (1Co 9.24-26), eram motivo de atração e cultura. Dion Crisóstomo, segundo Ramsay, informa em seu discurso no começo do século 2 sobre a existência de uma biblioteca em Corinto. Sabe-se também, que os movimentos que surgiam no Oriente logo alcançam Corinto graças ao seu grande comércio marítimo. Haja vista o cristianismo. (...) Majestosos edifícios, enriquecidos por pequenas colunas de mármore e pórfiro, adornados com prata e ouro, levantavam-se ao lado de casebres de madeira e palha, os quais abrigavam a massa da população pobre (1Co3.12). Corinto viveu os mesmos problemas do contraste entre a favela e o palácio dos grandes centros de hoje. Artigos de luxo encontraram cedo seu caminho e lugar nos mercados, que eram visitados por povos de quase todas as nações do mundo. Esses artigos e objetos de luxo se constituíam de bálsamo da Arábia, papiro do Egito, ameixas da Fenícia, marfim da Líbia, tapetes da Babilônia, peles de cabra da Cilícia, lã da Licaônia e escravos da Frígia. Com a riqueza chegou também o refinamento superficial e o gosto literário. A vida dos habitantes mais ricos era marcada pela preguiça, e a massa do povo, até mesmos os escravos, era atingida por essa tendência.⁷⁴

Schnelle entende que a tradição intelectual greco-romana, através de sua história cultural, foi uma ferramenta importante no desenvolvimento da alta estima da sabedoria do pensamento sapiencial judaico-helenista.⁷⁵

Como exemplo da interferência greco-romana na vida dos coríntios, Schnelle cita alguns pensamentos da mesma tradição e que estavam presentes na vida dos coríntios oriundos do pensamento antigo, como segue:

Cícero: somente o homem sábio está livre, e cada tolo é um escravo; Epíteto: o sábio participava do domínio de Zeus; Sêneca: tudo pertence aos sábios; Diógenes: tudo pertence ao deus e, como amigos têm tudo em comum, tudo pertence também ao sábio.⁷⁶

Assim era a filosofia da cidade de Corinto nos dias de Paulo. Schnelle também afirma que

⁷³ SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. Santo André: Academia Cristã, São Paulo: Paulus, 2010. p. 149.

⁷⁴ BITTENCOURT, Benedito. *Corinto e os problemas de uma igreja local*. São Paulo: Reflexão, 2015, p. 28-29.

⁷⁵ SCHNELLE, 2014, p. 251.

⁷⁶ SCHNELLE, 2014, p. 251-252.

As opiniões dos coríntios deixam perceber também uma proximidade a modelos soteriológicos em religiões de mistérios. Aqui como ali se trata de possibilidades e meios para elucidar a existência, de uma forma de auto preocupação que se dá como realização do Eu. Diante do destino que se impõe cegamente e da inevitabilidade do sofrimento e da morte, os 'mistos' [místicos, adeptos dos cultos de mistérios] esperam participar no destino dramático de uma divindade que experiencia a morte como passagem para uma nova vida.⁷⁷

Esse tipo de *paraklesis* encontrada no pensamento filosófico greco-romano, como dito anteriormente, influenciou o pensamento dos coríntios, inclusive na sua teologia cristã, fazendo com que eles entendessem que a salvação em Cristo os elevaria a uma autoestima por meio do espírito e do batismo, sendo que através deste, tornar-se-iam participantes plenamente da morte e da ressurreição da divindade⁷⁸. Por esse motivo, Schnelle afirma que “não podemos subestimar a influência da ética pagã e da conduta social a ela vinculada.”⁷⁹

O evangelho não encontrou resistência direta na cidade de Corinto, porém, a influência do pensamento pagão obstruía a compreensão do propósito da salvação na vida deles. Não somente a salvação, mas o próprio discernimento da ação do Espírito Santo. Pois, conforme apresenta Schnelle,

Ao contrário de Paulo, porém, os coríntios compreenderam o dom do espírito primeiramente como superação do caráter limitado da existência criatural antiga, como potencialização da força e expectativa da vida. Dentro deste conceito preséptico e individualista, o sofrimento é excluído e a harmatologia, minimizada. No centro está a potencialização das possibilidades da vida por uma divindade que superou em seu destino as fronteiras da morte e que garante agora a presença plena do além neste mundo. Dessa maneira, os coríntios passam por cima dos limites estabelecidos pelo criador e degradam Deus a um meio da satisfação religiosa.⁸⁰

Portanto, percebe-se que a cultura de Corinto pode estar fundamentada no paganismo, influenciando, conseqüentemente, a teologia cristã naquela cidade.

3.4 O Significado da Coleta na Teologia Paulina

Com os instrumentos informativos apresentados, é possível entender o contexto em que Paulo escreve aos coríntios e perceber o porquê da sua luta contra os falsos mestres gnósticos, presentes na vida daquela comunidade cristã. Viver o

⁷⁷ SCHNELLE, 2014, p. 252.

⁷⁸ SCHNELLE, 2014, p. 253.

⁷⁹ SCHNELLE, 2014, p. 252.

⁸⁰ SCHNELLE, 2014, p.253-254.

cristianismo em Corinto não era uma tarefa fácil, pois o indivíduo necessitava ter discernimento e uma fé muito bem alicerçada para não ser enganado.

A preocupação em tratar primeiramente com os falsos mestres e a legitimidade do ministério paulino deixa claro o motivo pelo qual Paulo não trata do assunto da coleta no início de sua segunda epístola, embora ela também fosse uma forma de *paraklesis*. Calvino afirma que “ele (Paulo) não poderia ter tentado isso com muito sucesso no início desta epístola; assim o reteve sabiamente, até que seu espírito estivesse preparado para isso.”⁸¹

Tem-se portanto, um objetivo claro na segunda epístola, nos capítulos 8 e 9: o tratamento da coleta e sua implicação.

Em 1 Coríntios 8-9, o apóstolo Paulo incita os crentes gentios a contribuir para os crentes judeus em Jerusalém. A coleta apresentada, desde o Antigo Testamento, não é apenas auxílio aos judeus ou aos judeus em Jerusalém, mas, também, aos necessitados. Os crentes em Jerusalém, nos dias de Paulo, estavam passando por momentos de muita necessidade, inclusive com momentos de fome. Kruse⁸² apresenta o seguinte relato histórico:

Estes cristãos pobres haviam sido atingidos por vários surtos de fome durante o reinado do imperador Cláudio (41-54 A.D.). A igreja de Antioquia (da Síria), em grande parte gentílica, atendera ao apelo com rapidez, enviando socorro pelas mãos de Saulo (Paulo) e de Barnabé (At11.27-30). Em Gl 2.10, Paulo nos diz que os líderes da igreja em Jerusalém, tendo reconhecido seu apostolado aos gentios, exortaram-no a que continuasse lembrando-se dos pobres, e isso, afirma o apóstolo, ele estava ansioso por fazer. À época em que escreveu 1 Coríntios (c.55 A.D.), Paulo já havia iniciado uma campanha entre as igrejas da Galácia; os coríntios, tendo ouvido a este respeito, pediram permissão para participar desse ministério (1Co 16.1-4). À época em que 2 Coríntios fora escrita (c.56 A.D.), Paulo entrara em contato com as igrejas macedônias, as quais lhe solicitaram ‘com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos’, de modo que Paulo agora usa seu exemplo de generosidade a fim de estimular os coríntios a executarem o que anteriormente demonstraram estar prontos para fazer (8.1-7; cf. 1Co 16.1-4), da mesma forma que ele havia usado o exemplo da prontidão dos coríntios a fim de motivar os macedônios (9.1-5).⁸³

E ainda quanto ao problema de conexão entre os capítulos 1 a 7 com os capítulos 8 e 9, Kruse afirma que:

⁸¹ CALVINO, João. *2 Coríntios – Série Comentários Bíblicos*. São José dos Campos: Ed. Fiel, 2008. p. 206.

⁸² Colin G. Kruse, B. D, M. Phil., Ph. D.; professor de Novo Testamento Ridley College, Universidade de Melbourne.

⁸³ CRUSE, Colin G. *2 Coríntios: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 158.

Nos capítulos 1-7, Paulo responde com grande alegria e alívio às boas novas trazidas por Tito quanto à virada para melhor no relacionamento entre o apóstolo e os coríntios. Ele conclui essa resposta (que também contém uma longa explicação sobre a natureza e integridade de seu ministério e sobre como Deus lhe havia dado prosperidade, a despeito de todas as suas aflições e ansiedades) com uma expressão de confiança e orgulho a respeito dos coríntios (7.14-16). Visto que o relacionamento, nesse instante, era razoavelmente bom, Paulo achou que poderia trazer à lembrança dos coríntios a antiga prontidão deles em contribuir para a coleta em prol dos judeus cristãos, exortando-os agora a terminar o que havia iniciado. Assim, embora os assuntos dos capítulos 8 e 9 sejam completamente diferentes dos assuntos dos capítulos 1-7, aqueles podem ser explicados como tendo originado nestes.⁸⁴

Percebe-se que o referencial ideal para os coríntios eram os macedônios. Henry reafirma este referencial, destacando que “[...] abrandar as necessidades dos santos pobres de Jerusalém e da Judéia, de acordo com o bom exemplo das igrejas na Macedônia (Rm 15.26)...”⁸⁵ (*construída dessa forma, essa frase não tem continuidade*). As igrejas da Macedônia são compostas pelas igrejas de Filipos, Tessalônica, Beréia, dentre outras.⁸⁶

Paulo tem, através destes irmãos, um instrumento argumentativo para solicitar que as demais igrejas, como a de Corinto, pudessem contribuir generosamente. Calvino aponta para os dois capítulos de segunda aos coríntios para afirmar que:

[...] toda sua preocupação (de Paulo) visa encorajar os coríntios a se manterem ativos e diligentes em arrecadar dinheiro a ser levado a Jerusalém com o fim de suprir as necessidades dos irmãos dali, porquanto eram afligidos pela grande fome, de modo que dificilmente poderiam manter a vida sem a ajuda das demais igrejas.⁸⁷

Isso desencadeia um aprendizado e desenvolvimento espiritual muito significativo na vida eclesial. Primeiramente, quanto ao pobre, ensina-o a receber, o que trata de quebrar orgulhos e ensina a dependência uns dos outros. E, quanto aos ricos, a não se apegar à sua riqueza e a amar servindo ao próximo. Esta dinâmica fortalece os vínculos da comunhão e do amor em Cristo, que também repartiu sua vida para que pudessemos ser ricos de sua riqueza.

Esta dinâmica vai se definindo à medida em que se observa o desenvolvimento da *paraklesis* na vida comunitária cristã. Isto pode ter sido a doutrina que movia as igrejas da macedônia, pois Paulo afirma que “[...] no meio de muita prova

⁸⁴ KRUSE, 2011, p. 160.

⁸⁵ HENRY, Matthew. *Comentário bíblico do Novo Testamento: Atos a Apocalipse*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 530.

⁸⁶ HENRY, 2008, p. 530.

⁸⁷ CALVINO, 2008, p. 206.

de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade” (2Co 8.2).

Calvino percebe que Paulo queria estimular os coríntios a exceder a generosidade, a exemplo dos macedônios. Certamente não se trata de uma disputa, como se fosse uma “gincana social”, mas o que Paulo provavelmente queria salientar era a lógica cristã de *paraklesis* através da prática da coleta. O que tudo isso significa é que quem tem mais, doa mais; se os macedônios doaram tudo o que possuíam, os coríntios deveriam também seguir o mesmo exemplo e o resultado final seria uma coleta maior. Mas esta não seria a motivação e sim, ter o mesmo coração dos macedônios. Calvino chama isso de “eloquência e fé” como segue em seu comentário

Paulo já se revestira de muita prudência para evitar ofensa, conquanto ele disse que Tito apelara aos coríntios não porque era de sua índole, e sim por sentir-se impulsionado pelos macedônios. Entretanto, ele agora dá um passo adiante e os reanima a não mais esperarem pela mensagem das igrejas macedônias, ao mesmo tempo que os louva por suas outras excelentes qualidades, como se dissesse: ‘Não deveis simplesmente entrar em parceria com os macedônios, como solicitaram, mas deveis excedê-los neste assunto como procedestes em outros. Ele (Paulo) faz distinção entre eloquência e fé, visto ser possível a alguém ter fé e, no entanto, não ser muito expressivo na Palavra do Senhor. Ele toma o termo conhecimento no sentido ou de prática, ou de habilidade, ou de prudência. Ele faz menção do amor dos coríntios para com ele a fim de encorajá-los a considerarem sua própria pessoa, ao tempo em que renuncia, com vistas ao benefício público dos irmãos, a afeição pessoal com que o consideravam.⁸⁸

Portanto, essa manifestação de amor por parte dos macedônios e que foi levantada por Paulo como parâmetro para os coríntios, é definida por ele como uma operação da graça de Deus na vida dos macedônios. Na concepção apostólica, abençoado não é quem recebe, mas quem dá, ou seja, o agente operador da graça. Kistemaker faz um destaque ao observar que

Em suas cartas à igreja em Corinto, frequentemente Paulo usa a expressão a graça de Deus (com variações). A expressão tem vários sentidos que dependem do contexto em que é usada; e o cenário aqui indica que Paulo está se referindo não à graça salvadora de Deus, mas à consequência dessa graça. Mais precisamente, está pensando na boa vontade dos destinatários da graça de Deus para contribuírem generosamente para o alívio das necessidades físicas dos irmãos santos (vs.2-9). A graça é o dom de Deus que torna a participação nessa coleta possível e real; e ela resulta numa demonstração de amor cristão como resposta ao ministério de Paulo.⁸⁹

⁸⁸ CALVINO, 2008, p. 210-211.

⁸⁹ KISTEMAKER, 2004, p. 378.

Certamente, tem-se um modelo pleno de operação da graça, Jesus Cristo (2Co 8.9). Champlin comenta que

Paulo apelou para o mais elevado 'exemplo' possível; mas ao mesmo tempo, lembrou-nos ele que o nosso destino é participarmos de idêntico senso de amor, e que a verdadeira experiência da conversão e da regeneração em Cristo obrigatoriamente produz essa modalidade de amor nos crentes. Somente um amor espúrio e fingido, devido à ausência de regeneração, é que pode levar uma pessoa a dizer que ama a Deus, ao mesmo tempo que se recusa a demonstrar seu amor prático pelos irmãos na fé.⁹⁰

Comblin destaca duas antíteses apresentadas nesses capítulos. Segundo ele, "A primeira opção a pobreza dos macedônios à riqueza da sua generosidade. A segunda opção a riqueza que Jesus tinha de direito e a pobreza que adotou de fato (8,9), a fim de que os que eram pobres se tornassem ricos."⁹¹

Trata-se de um desafio hermenêutico, pois o que seria esta pobreza ou riqueza? Trata-se de aspecto físico, espiritual ou os dois? Comblin trata desse dilema com a seguinte leitura:

O sentido fundamental da pobreza é material. Os pobres são os que carecem do necessário, ou possuem poucos bens (...) a condição de pobreza material desempenha um papel central. A pobreza é o grande desafio ao qual responde a mensagem cristã. E não se trata apenas de uma pobreza de virtudes ou de boas ações. Os macedônios são pobres de bens materiais e não de bens espirituais. Da mesma maneira os apóstolos, aos quais Paulo se refere em 6.10, são pobres materialmente. O conceito de ricos e riqueza é mais amplo. Há a riqueza que é compatível com a pobreza: a riqueza de alegria ou o excedente de alegria (8.2), ou o excedente e a riqueza de fé, palavra, conhecimento, zelo, caridade (8.7). Também a riqueza que Cristo nos adquiriu pela sua pobreza (8.9) pode ser entendida no sentido de riqueza espiritual. Da mesma maneira a riqueza de desprendimento dos macedônios (8.2).⁹²

Ainda no capítulo 8 da segunda aos coríntios, Paulo dá a seguinte instrução:

Completai, agora, a obra começada, para que, assim como revelastes prontidão no querer, assim a leveis a termo segundo as vossas posses. Porque, se há boa vontade, será aceita conforme o que o homem tem e não segundo o que ele não tem. Porque não é para que os outros tenham alívio, e vós, sobrecarga; mas para que haja igualdade, suprimindo a vossa abundância no presente a falta daqueles, de modo que a abundância daqueles venha a suprir a vossa falta, e, assim, haja igualdade, como está escrito: O que muito colheu não teve demais; e o que pouco, não teve falta.⁹³

⁹⁰ CHAMPLIN, Russell Norman. O novo testamento interpretado: versículo por versículo. vol. IV. Guaratinguetá: A Sociedade Religiosa A Voz Bíblica Brasileira, 1991. p. 375.

⁹¹ COMBLIN, 1991, p. 124.

⁹² COMBLIN, 1991, p. 124.

⁹³ 2Co 8.11–15

Embora a coleta seja uma manifestação do amor, percebe-se que Paulo pede que haja sobriedade na contribuição, pois elas têm um fim que é a igualdade e não a sobrecarga. Para endossar esse pensamento, mais uma vez Paulo tenta fazer uma alegoria do Antigo Testamento (v.15). Champlin afirma que Paulo está citando Êx 16.18 conforme segue:

Nessa passagem não há alusão a doações, e, sim, ao recolhimento do maná, no deserto. Nesse caso, cada qual recebia exatamente aquilo de que necessitava, nem tanto e nem tão pouco. Ora, Paulo usou a figura para mostrar a necessidade de alguma espécie de igualdade financeira básica; e, de acordo com o texto inteiro, deu a entender que isso só pode ser conseguido mediante a correta atitude nas contribuições. Toda essa questão pode refletir uma espécie de espírito comunitário, uma antiga noção comunista de alguma sorte, embora isso nunca se tenha tornado oficialmente a norma seguida pela igreja cristã, e ainda que a experiência em Jerusalém pareça ter fracassado. Alguns eruditos pensam que uma das causas da pobreza que houve ali foi provocada por essa mesma experiência (...).⁹⁴

3.5 A Bênção como Consequência da Obediência

No desenvolvimento teológico de Paulo, pode-se perceber que a contribuição exige uma atitude de amor e equilíbrio, o que resulta em uma ação de obediência à Palavra de Deus. Paulo tinha a consciência de que este assunto não era fácil de se tratar nas igrejas, assim como também não é simplório nos dias atuais. O verso 6 do capítulo 9 diz: “E isto afirmo: aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura, com abundância também ceifará”. Boor interpreta da seguinte forma:

[...] ‘dar’ é como ‘semear’: no primeiro momento a semente aparentemente é ‘jogada fora’. Por isso o semeador poderia querer ‘semear’ o mais parcimoniosamente possível, semear ‘pouco’. Mas então também ‘ceifará pouco’. Pelo contrário, ele pode semear ricamente, na expectativa de ‘bênçãos’, e a colheita não o decepcionará. Consequentemente, os coríntios não devem economizar timidamente. Não precisam temer que pelo dar se tornarão pobres. Sua participação na coleta há de gerar para eles próprios uma colheita que corresponde à medida de seu empenho. A lei subjacente à ‘semeadura e ceifa’ pode servir de comparativo eficaz por ser uma lei viva e porque nela de fato se evidencia a atuação de Deus. No sentido de Gl6.6-9, onde igualmente se trata da disposição para partilhar e ajudar, Paulo pensa também aqui em uma colheita de cunho espiritual, descrita em detalhe nas frases subsequentes. Porém, embora ressalte seriamente para os coríntios a importância da doação, persistem a liberdade e voluntariedade plenas.⁹⁵

⁹⁴ CHAMPLIN (p.378)

⁹⁵ BOOR, 2004, p. 436.

4 TEOLOGIA DA COLETA: COMPARAÇÃO ENTRE 2 CORÍNTIOS 8-9 E A IGREJA CRISTÃ EVANGÉLICA PÓS-MODERNA

4.1 Cristologia da Pobreza

Embora se tenha uma promessa de “riqueza” como recompensa a quem contribui, não há segurança bíblica em afirmar que seja apenas de bens materiais. Pois se assim fosse, este texto estaria em contradição com a própria vida de Cristo, como fora apresentado por Comblin.

Os capítulos 8 e 9 contêm em primeiro lugar um evangelho sobre a Igreja e, através da Igreja, um evangelho sobre a humanidade. Ora, este evangelho eclesiológico-antropológico não está separado do evangelho sobre Cristo. Pelo contrário, Paulo coloca-o em dependência explícita do evangelho cristológico. Os vs.8,9 (capítulo 8) enuncia esta cristologia da pobreza...⁹⁶

Essa pobreza de Cristo pode estar associada à sua encarnação e não necessariamente à pobreza material. Pois na encarnação Ele esvaziou-se de toda a sua divindade, conforme apresentado pelo apóstolo Paulo:

[...] pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. (Fp 2.6-8)

Comblin contradiz a interpretação de que seja apenas no âmbito material. Ele faz um destaque sobre este assunto com propriedade afirmando que:

Muitos autores negam que haja aqui uma alusão à maneira concreta, isto é, pobre, como Jesus viveu nesta terra. Acham que se trata simplesmente da encarnação. A riqueza é a natureza divina. A pobreza é a condição humana. A pobreza de Jesus consistiu em ser homem sendo Deus.

A razão desta negação é que Paulo não quer conhecer o Cristo segundo a carne, mas apenas o Cristo segundo o Espírito. Conhecer Cristo segundo a carne não vale (2Co 5.16). Somente vale o conhecimento segundo o Espírito. Ora, dizem os autores, tudo que se refere à vida terrestre de Jesus, pertence ao conhecimento segundo a carne. O conhecimento segundo o Espírito tem por objetivo o Cristo ressuscitado (...). Tal concepção não me parece adequada. Pois, por um lado, Paulo inclui no conhecimento espiritual o conhecimento da morte de Jesus. É verdade que se trata do conhecimento do valor libertador dessa morte e este valor não era visível ao conhecimento experimental. No entanto, não se pode separar o fato material da morte de Jesus do seu valor. Quem conhece espiritualmente a morte de Jesus, conhece-a também como fato material e histórico, como ponto final da vida

⁹⁶ COMBLIN, 1991, p. 134.

terrestre de Jesus. Por outro lado, a carne não é apenas tudo o que é terrestre, pois o terrestre pode tornar-se o instrumento e o suporte do Espírito. A pobreza de Jesus não é puramente fato contingente, objeto de um conhecimento humano alheio à fé. A pobreza de Jesus poderia ser algo ligado intimamente ao mistério da salvação, uma realidade penetrada de valor espiritual, assim como a própria morte de Jesus na cruz. Não podemos partir do postulado de que Paulo afasta sistematicamente da sua consideração tudo o que se refere à vida terrestre de Jesus.⁹⁷

Certamente há uma mensagem mais significativa do que a material na pobreza de Cristo.

Entende-se que a Igreja em Corinto, com vistas à missão cristã de amar ao próximo, tem a responsabilidade de amar com doações, assistindo os pobres em suas necessidades. Paulo esboça algumas contradições com o fim de revelar aos coríntios a realidade dos macedônios. Ele afirma:

Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus concedida às igrejas da Macedônia; porque, no meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade. (2Co 8.1-2)

As palavras “muita prova de tribulação” com “abundância de alegria”, e “profunda pobreza” com “grande riqueza”; contrastam-se com o fim de mostrar que no sofrimento podemos encontrar conforto, *paraklesis*. Sobre isto, Boor afirma:

Isso é totalmente antinatural. Mas em sua igreja a graça de Deus realiza um milagre desses, de que a ‘riqueza no dar’ flua da ‘pobreza’. A palavra que consta no final, ‘singela generosidade’, significa a princípio apenas ‘simplicidade, singeleza’. Porém o contexto fala da doação da coleta. Esse dar, porém, acontecia em ‘singeleza’, sem o receoso cálculo das possibilidades, sem cautelosa observação das próprias condições, simplesmente para a necessidade dos irmãos. Por isso a palavra ‘simplicidade’ também pode ser traduzida por ‘generosidade’.⁹⁸

Embora a palavra “assistência” seja uma tradução de *paraklesis*, no sentido de se aproximar para ajudar, conforme Haubeck e Siebenthal⁹⁹, no verso 4 do capítulo 8, o termo é tradução de outra palavra, que no grego quer dizer *koinonia* (“pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos” 2Co 8.4) pois, como já apresentado anteriormente nesta obra, a *koinonia* (compartilhar, participação, partilhar ou comunhão¹⁰⁰) é a ação prática da *paraklesis*. Por isso, Paulo

⁹⁷ COMBLIN, 1991, p. 134.

⁹⁸ BOOR, 2004, p. 424.

⁹⁹ HAUBECK, Wilfrid; SIEBENTHAL, Heinrich Von. *Nova chave linguística do Novo Testamento Grego: Mateus – Apocalipse*. São Paulo: Targumim: Hagnos, 2009. p. 1063.

¹⁰⁰ HAUBECK; SIEBENTHAL, 2009, p. 1063.

afirma que isto é um ‘privilégio’. Com este discernimento, os macedônios doaram generosamente. Portanto, o que moveu o coração dos macedônios foi a *diakonia*, o serviço, de poder participar da *paraklesis* através da *koinonia*, palavras as quais estão interligadas no amor prático ao próximo. Eles entendiam, dessa forma, a vontade de Deus conforme o verso 5. Doar-se ao irmão é resultado de quem se doou ao Senhor. Portanto, deve haver o mesmo contentamento, pois quem faz para o irmão, certamente está fazendo para o Senhor. Este era o princípio prático da doutrina cristã apostólica. João também traz um entendimento similar em sua epístola

Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão (1Jo 4.20-21).

Analisa-se a origem do princípio da coleta ou da *paraklesis* através da *koinonia* a partir da relação com o próximo. Paulo ensina que esta doutrina tem origem em Cristo, pois o maior exemplo de generosidade existente é o de Cristo, e Paulo apresenta este pensamento no verso 9. Champlin chega a afirmar que Cristo foi

[...] o exemplo central da generosidade (...). Jesus é o mestre supremo do altruísmo e do amor. Embora rico, Ele se fez pobre, a fim de que enriquecêssemos com sua pobreza (8.9). Sua vida inteira foi cumprimento do elevadíssimo ideal do amor. (...) Cristo foi quem, possuidor como era de todos os dons e de todos os poderes, ministrou-os com amor, removendo muitas montanhas de ódio, de incredulidade e de egoísmo. Foi ele quem propiciou tudo quanto tinha e era para benefício dos pobres. Foi ele também quem sofreu longamente, quem não invejou, quem sempre se mostrou humilde e nunca se jactou de coisa alguma. Por igual modo, foi ele que nunca se regozijou ante a iniquidade, mas antes, com toda a verdade, suportou tudo, creu, esperou e tolerou todas as coisas. Finalmente, foi Cristo quem nunca falhou.¹⁰¹

Como a base de Cristo é o amor, o verso 8 afirma: “*Não vos falo na forma de mandamento, mas para provar, pela diligência de outros a sinceridade do vosso amor*” (2Co 8.8). Provavelmente, o apóstolo se preocupou em mostrar a importância da ação sem que fosse uma imposição, justamente para que se percebesse que a voluntariedade deve ser um ato de amor. E que a quebra desse princípio torna-se um puro legalismo. Pois, pode-se fazer o bem sem o amor (1Co 13.1-3). Portanto, o que Paulo está enfatizando é que a partir do amor, a *paraklesis* alcança seu propósito pleno.

¹⁰¹ CHAMPLIN, p. 374.

4.2 O Equilíbrio da *Koinonia*

Entender os limites da *koinonia* através da contribuição dos bens constitui-se um grande desafio. Paulo se preocupa em revelar que a assistência tem um limite. Provavelmente essa preocupação tenha chegado ao coração dele. Embora os macedônios tivessem recebido o elogio apostólico por terem doado acima de suas posses, ele não recomenda que isto seja uma prática eclesiástica. Constata-se isso claramente nos versos 12 a 15:

Porque, se há boa vontade, será aceita conforme o que o homem tem e não segundo o que ele não tem. Porque não é para que os outros tenham alívio, e vós, sobrecarga; mas para que haja igualdade, suprimindo a vossa abundância no presente a falta daqueles, de modo que a abundância daqueles venha a suprir a vossa falta, e, assim, haja igualdade, como está escrito: O que muito colheu não teve demais; e o que pouco, não teve falta (2Co 8.12-15).

O limite é a igualdade e não uma transferência de pobreza ou necessidade. David Stern traduz 2Co 8.13 como: “Aliviar o sofrimento alheio não lhes deve causar nenhuma dificuldade, mas deve existir algum tipo de reciprocidade”.¹⁰² Em seu comentário, afirma “que os israelitas estavam no deserto e cada um recolhia a porção suficiente do maná.”¹⁰³

Portanto a ideia de unidade continua sendo apregoada com o fim de revelar a Cristo. Kruse diz que

[...] no que concerne à experiência de Jesus, é verdade que Lucas salienta as circunstâncias humildes do nascimento do Senhor; todavia Lucas não nos deu uma indicação da pobreza da sagrada família, mas antes mostrou-nos as condições excepcionais de multidões superpovoando a pequena Belém, à época do censo (Lc 2.7). A oferta apresentada por Maria, para a sua purificação, era permitida às pessoas que não tinham condições de oferecer um cordeiro (Lc 2.24; cf. Lv 12.6-8). Tudo isto indica que a família não era rica. Jesus era conhecido como o ‘carpinteiro’ o ‘filho de Maria’ (Mc 6.3). Sendo, porém, um artesão, não seria contado entre os miseravelmente pobres.”¹⁰⁴

4.3 A Interpretação da Teologia da Coleta por parte da Igreja Pós-Moderna

No capítulo 9 da segunda aos coríntios, o apóstolo Paulo faz a seguinte afirmação:

¹⁰² STERN; David H. *Bíblia Judaica completa: o Tanakh (AT) e o B'rit Hadashah (NT)*. São Paulo: Vida, 2010. p. 1434.

¹⁰³ STERN; David H. *Comentário judaico do Novo Testamento*. Belo Horizonte: Atos, 2007. p. 552.

¹⁰⁴ KRUSE, 2011, p. 164.

E isto afirmo: aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura, com abundância também ceifará. Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria. Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra, como está escrito: Distribuiu, deu aos pobres, a sua justiça permanece para sempre (2Co 9.6-9)

Ao se observar estes versos, o leitor depara-se com uma ambiguidade, dependendo de sua ótica de interesse. A primeira seria uma leitura coerente não somente com o texto apresentado, mas com seu contexto, respeitando o pensamento paulino, o contexto de Corinto, a teologia desenvolvida, etc. Este complexo leva-nos a perceber que o importante é o necessitado e Deus abençoa aquele que o ajuda. O próprio Cristo afirma que o necessitado era uma personificação messiânica (Mt 5.35, 36). A segunda interpretação seria uma consequência natural de fazer essa leitura isolada como apresentada acima, sem se preocupar com o contexto, algo que gera uma expectativa de bênção de Deus (o que é naturalmente possível) a partir da doação, portanto, a ótica seria de “prosperidade”, pois o “[...] *tendo sempre, em tudo, ampla suficiência [...]*” fora de seu contexto; isso força o leigo a entender que a área financeira está inserida ali e que o próprio Deus está empenhado na riqueza de quem contribui, tornando-se o objeto da preocupação de Deus e não o necessitado.

Sob a mesma ótica de interpretação, o protagonista é aquele que contribui, pois é nele que repousa a promessa da bênção. E Deus tem interesse em aumentar sua riqueza. Consequentemente, esse tem sido um dos textos mais utilizados pelos defensores da teologia da prosperidade, conforme apresenta Onara em seu artigo¹⁰⁵, como exemplo de que o propósito se torna o contribuinte. Observe a ênfase dada.

Na Bíblia temos mais de 8 mil promessas para aqueles que decidem viver essa obediência ao Senhor. Se apenas uma das três abaixo se cumprir em sua vida, ela já será transformada. Imagine todas elas.

1. Sucesso em todos os projetos
 ‘Se projetas alguma coisa, ela te sairá bem, e a luz brilhará em teus caminhos.’ Jó 22.28

 Quantos não vivem a frustração de ver tudo o que projetam ir por água abaixo? Mas, para aqueles que escolhem a parceria com Deus, até o que não dá certo coopera para o próprio bem.
2. Prazer em viver
 ‘Todas as nações vos chamarão felizes, porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o SENHOR dos Exércitos.’ Malaquias 3.12

¹⁰⁵ ONARA, Núbia. *3 promessas de prosperidade de Deus para você*. <<http://www.universal.org/noticia/2015/01/23/3-promessas-de-prosperidade-de-deus-para-voce-31068.html>> - publicado em 23/01/2015 às 00:05 e visualizado dia 07/10/2016 às 9h55.

Há pessoas que são conhecidas por suas amarguras e dissabores na vida, mas não as que têm prazer nas orientações de Deus. Essas são conhecidas pela alegria que têm por sua vida produzir coisas boas.

3. Riquezas que ninguém possui
 'Dar-te-ei os tesouros escondidos e as riquezas encobertas, para que saibas que Eu sou o SENHOR, o Deus de Israel, que te chama pelo teu nome.' Isaías 45.3

Todo tesouro desta Terra foi feito por Deus. E Ele quer confiar essas riquezas nas mãos dos que O temem. Você confiaria seus bens a alguém que não tem nenhum compromisso com você? Nem Deus.

Então, está disposto a obedecer?" (grifo nosso)

O artigo sugestiona ao leitor a ideia de que a obediência é interessante por ser recompensadora, o que não está errado, mas a tônica que se apresenta pode estar. Isso se torna desapropriado à teologia aplicada. Pois se o propósito for a prosperidade ou a bênção, certamente a obediência é apenas o meio para alcançá-la; todavia se o propósito for a obediência, a recompensa é apenas um reconhecimento e não um objetivo a ser alcançado.

Ao se avaliar o contexto da epístola paulina, percebe-se que a ênfase em toda a carta estava no necessitado e na alegria de poder ajudar, ou seja, desenvolver a generosidade. Aparentemente, não era a bênção ao contribuinte, o agente motor da ação da coleta, contudo o amor que movia os macedônios para o socorro.

Em seu estudo sobre prosperidade, Renê Terra Nova introduz o tema afirmando:

Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma." (III João 2)

Você, como filho de Deus, com certeza, almeja prosperidade. E dentro desse desejo, que precisa estar de acordo com a Bíblia, você encontrará desafios, inimigos se levantarão contra você e contra a sua prosperidade.

Você ficará se perguntando: Por que o inimigo tem inveja de mim? Não busque respostas, apenas receba o que o Senhor tem para entregar sobre sua vida. O que você precisa é entender que dentre tantos benefícios que o Pai lhe oferece, você nasceu para prosperar. Mas, qual é o nível de prosperidade que você espera receber na sua vida?

Neste estudo, vamos abordar sobre prosperidade psicológica, emocional, afetiva, física, financeira e espiritual.¹⁰⁶

Mais uma vez, percebe-se que a ênfase está naquele que contribui, como se o necessitado existisse apenas para ajudar o rico a ficar mais rico com a bênção de

¹⁰⁶ TERRA NOVA, Renê. *Prosperidade em todas as áreas*. Disponível em: <<http://www.mir12.com.br/2012/index.php/estudos/celulas/809-prosperidade-todas-as-areas-parte-1>>. Acesso em: 07 out. 2016.

Deus. Tem-se visto com facilidade que essa ênfase tem ocupado o púlpito da igreja brasileira pós-moderna, o que pode ser resultado de uma interpretação fracionada das Escrituras.

Em mais um site de uma igreja de relevância nacional, a Igreja Batista da Lagoinha, encontra-se um artigo que trata desse tema a partir do texto de 1Coríntios 9.6. Observe mais uma abordagem, agora por um autor desconhecido, publicado pela Igreja da Lagoinha.

A atitude de semear é uma bênção. É tão maravilhoso quando aprendemos o quanto é importante semear para colher os frutos plantados. Somos responsáveis pelo tamanho da nossa colheita e estabelecemos o tamanho dela quando semeamos.

Se você semeia muito, ultrapassando limites e fronteiras, certamente terá uma grande colheita. Algumas pessoas dizem que não precisam de prosperidade, mas a Palavra de Deus diz que Ele se compraz, se alegra na prosperidade dos seus servos.

Temos aprendido que a prosperidade é a ausência de necessidades. O que significa ter para suprir nossas necessidades e também as de outras pessoas. Você estabelece o tamanho da sua colheita quando semeia a sua semente.

Em 2 Coríntios, capítulo 9, versículo 6, diz: 'E isto afirmo: aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura, com abundância também ceifará.' Paulo fez um paralelo entre plantar sementes e investir no ministério.¹⁰⁷

Certamente nem todas as igrejas tem dado essa ênfase, mas percebe-se que teologias semelhantes têm tomado o coração de muitos cristãos e sido amplamente divulgadas no Brasil nas últimas décadas.

Fica evidente que a ênfase dada à teologia da prosperidade não respeita a coleta como *paraklesis*, que, por sua vez, tem como alvo o necessitado e o amor ao próximo.

4.4 Uma Proposta Teológica

Leonardo Boff afirma que:

Não se fará uma superação desta teologia mediante uma nova experiência e uma práxis diferente da fé e da Igreja. Então, sim, poderá nascer uma teologia libertada de seu cativeiro intrassistêmico. Nascida da práxis, guardará sempre uma referência à práxis, iluminá-la-á, deixar-se-á questionar e

¹⁰⁷ IGREJA BATISTA DA LAGOINHA. *Estabeleça o tamanho da sua colheita*. Disponível em: <<http://www.lagoinha.com/ibl-igreja/estabeleca-o-tamanho-da-sua-colheita/>>. Acesso em: 07 out. 2016.

enriquecer por ela, e destarte manter-se-á permanente e dialeticamente a unidade de teologia e vida cristã.¹⁰⁸

Uma proposta teológica a essa problemática é a teologia da libertação, bem como tem sido apregoada, a fim de observar o cativo, o carente, o necessitado. Portanto, ela nasce como proposta de perspectiva para uma nova *práxis* teológica cristã, na qual os aspectos filosóficos encontram sentido na ação. Esta teologia, embora se apresente como inovação e tenha nascido no contexto da América Latina, na verdade havia sido ministrada pelo apóstolo Paulo e motivada pelos apóstolos de Cristo ainda nos primórdios da igreja. Pois a igreja tinha, em sua origem, a preocupação com os pobres, desde a distribuição dos alimentos por parte dos apóstolos, como revelado no livro dos Atos dos Apóstolos (At 6.1-7). Embora alguns estivessem se sentindo “injustiçados” num primeiro momento, vê-se que havia uma preocupação em suprir a necessidade de todos, e isso era resultado da presença do Espírito Santo na vida daqueles irmãos e não o resultado de uma imposição apostólica.

Tratar dos “egoísmos” institucionalizados também se constitui em um grande desafio apresentado na ótica da teologia da libertação, pois, pode-se ter obscurecido a *paraklesis*, por se enaltecer a instituição eclesiástica como a verdade absoluta. O problema não reside em afirmar que a igreja contém a Verdade e que Cristo seja O cabeça dela, mas em afirmar que a instituição e a igreja sejam a mesma coisa, portanto, Corpo de Cristo. Sabe-se comumente que a Igreja de Cristo são as pessoas, porquanto que as instituições são “empresas organizadas” e denominadas pelos interesses humanos. Isso compromete a *paraklesis* diretamente, pois leva a cativo todos os que vivem para a instituição, tornando esta, o objeto primordial de sua vida.

Boff alerta para o fato de que “o campo da liberdade está possuído de egoísmo, estruturado em mecanismos de manipulação, pelos quais se impõem de antemão decisões para um certo tipo de objetos e não de outros.”¹⁰⁹

Ao longo dos anos, entende-se que a igreja se perdeu na missão de ser a proclamadora da libertação, enaltecendo a institucionalização eclesiástica. Portanto, uma análise mais detalhada da mensagem cristã a partir das Escrituras pode ser uma importante solução da problemática egoísta contemporânea brasileira. O apóstolo

¹⁰⁸ BOFF, Leonardo. *Teologia do Cativo e da Libertação*. Petrópolis: Vozes; 2014. p. 120.

¹⁰⁹ BOFF, 2014, p. 144.

Paulo afirma: “*Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão*” (Gl 5.1).

Boff afirma que “*o Novo Testamento vê a total libertação não só como esperança de um futuro escatológico, mas como celebração de um evento histórico em Jesus de Nazaré e este ressuscitado.*”¹¹⁰

A essência dessa libertação total em Cristo para o cativo é uma manifestação do Amor Divino, pois os indícios apontam para a máxima que é a libertação promovida pelo Amor. Não apenas fomos libertos por Amor (ou pelo Amor), mas chamados à libertação dos oprimidos, o qual está o necessitado, pelo Amor. Trata-se da máxima da Lei: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” (Mt 12.28-31).

Portanto, a assistência aos pobres é mais uma iniciativa de mor na proclamação do Reino de Deus do que de interesses pessoais; e para este fim, o servir e o ‘negar-se a si mesmo’ (Mt 16.24) tornam-se instrumentos essenciais para o cumprimento desta sublime missão. O foco é o amor como resultado da graça de Deus, a qual sempre está discriminada nos escritos paulinos. Pois para a igreja nos primórdios, o amor era revelado em atitudes. Portanto, a *paraklesis* era uma manifestação de amor.

Quanto a isso Kruse destaca:

A fim de dar apoio a sua exortação em prol do amor em ação, Paulo cita como exemplo a graça de nosso Senhor Jesus Cristo. Quando Paulo fala da graça de Deus, ou como aqui, da graça de nosso Senhor Jesus Cristo, ele não se refere a uma atitude, nem a uma disposição graciosa, mas ao amor de Deus expresso em ação concreta de amor em prol da humanidade. (De modo semelhante, é uma expressão concreta de amor que Paulo espera de seus leitores.) A natureza da expressão de amor de Cristo está declarada nestas palavras: sendo rico, se fez pobre por amor de vós. Ao procurar entender esta declaração, é importante que não distorcamos o quadro bíblico da experiência da pobreza de Jesus, nem deixemos de reconhecer a natureza da pobreza que Paulo tem em mente aqui.¹¹¹

É importante entender que embora a *paraklesis* (assistência, consolo) através da contribuição seja uma revelação do amor pela graça de Deus, pode se tornar ineficaz, caso o necessitado não aprenda a lidar com ela. Pois facilmente pode-se tornar dependente da coleta. A Bíblia Sagrada dá ênfase, desde o Gênesis, ao

¹¹⁰ BOFF, 2014, p. 157.

¹¹¹ KRUSE, 1987, p.164.

trabalho do homem e ao alimento como fruto do seu trabalho.¹¹² Grudem e Asmus afirmam que

[...] os israelitas deveriam cultivar o trigo e a cevada; eles teriam de cuidar das vinhas e das figueiras e colher os frutos; eles teriam de assar o pão; teriam de minar o cobre da terra para fazer ferramentas e utensílios. A bênção de Deus veio por meio do trabalho produtivo que criou novos bens e serviços. Ela não veio por meio da dependência de doações. Longe de ser o receptor de doações de outros países, o povo de Israel deveria emprestar: “Emprestarás a muitas nações, mas não tomarás emprestado” (Dt 15.6). (repare nas bênçãos semelhantes que foram prometidas em troca do trabalho do povo em Dt 28.6,11,12). Até as pessoas pobres em Israel não deveriam se tornar dependentes de doações de outras, pois elas deveriam trabalhar para ajuntar a comida da “sobra” que era deixada nos campos após a primeira colheita (veja Dt 24.19-22). (...) A questão central é esta: não há nenhum indício na Bíblia de que os pobres se tornariam recebedores permanentes de doações em dinheiro, ano após ano, ou que se tornariam dependentes dessas doações. As únicas exceções eram as pessoas que eram completamente incapazes de trabalhar por motivo de deficiências permanentes, como, por exemplo, um mendigo cego (Mc 10.46; Lc 18.35) ou um pedinte aleijado (At 3.2-10). No Novo Testamento, Paulo repreendeu os que eram ‘desocupados’ (1Ts 5.14; 2Ts3.10), dizendo: ‘... se alguém não quer trabalhar, também não coma’ (2Ts 3.10).¹¹³

Conclui-se que a proposta bíblica de contribuição tem como fim a igualdade e não a dependência do pobre para com o rico. O rico tem a responsabilidade de acudir o necessitado (Ef 4.28) e este, por sua vez, tem a necessidade de trabalhar e produzir para que possa ter com que se sustentar. Esse é o perfil teológico da Teologia da Libertação.

¹¹² Gn 2.15; Gn 3.19.

¹¹³ GRUDEM; ASMUS, 2016, p. 75-76.

CONCLUSÃO

Observando mais atentamente a importância da assistência aos santos (*paraklesis*) como ato de amor a partir da teologia paulina em coríntios, pode-se constatar que se constitui um desafio doutrinário levar a igreja a contribuir com alegria e não por questões de necessidades ou interesses, e muito menos por “amor” à instituição. É perceptível observar que o contexto bíblico apresenta um conceito de amor muito diferente ao discernido pelo mundo ocidental pós-moderno. O próprio Jesus ensina que aquele que tem os seus mandamentos e os guarda é o que O ama (Jo 14.21). O amor apresentado pela Bíblia pode ter uma conotação diferente do que a maioria da igreja cristã evangélica brasileira pós-moderna tem, pois ela indica que o amor está diretamente ligado ao serviço, à ação.

O apóstolo Paulo em sua primeira epístola aos coríntios, no capítulo 13, trata de ensinar sobre o amor como o propósito de toda a ação e que sem ele, nada tem sentido, inclusive a entrega da vida como sacrifício (2Co 13.3).

Em nossos dias, percebe-se uma motivação muito acentuada para contribuir a fim de atrair “as bênçãos” de Deus sobre a vida do contribuinte, porém, quando analisado com mais cuidado, o texto avaliado de 2 Coríntios 8 e 9 deixa-nos claro que a igreja cristã evangélica brasileira pós-moderna pode estar trilhando um caminho de desvio bíblico, uma vez que a coleta é uma obra física de amor, originalmente manifesto em Jesus Cristo, que se fez pobre para que nos tornássemos ricos. Isto pode indicar que a igreja pós-moderna pode estar além de um desvio, caminhando em um sentido oposto ao que o Senhor propõe para Sua Igreja na terra.

A igreja foi chamada para o amor através do serviço, isto fica muito bem definido no fundamento da Lei que fora endossada pelo Cristo ao afirmar que os maiores mandamentos eram: o Amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo (Mt 22.37-40). Não perceber estes princípios pode levar alguns a interpretar que as benesses conferidas ao fiel é uma conquista pessoal por seu próprio mérito. Isto pode excluir o próximo como propósito do serviço e ação, fruto do que deve ser amor a Deus.

Aplicar essa hermenêutica em nossos púlpitos seria o mais adequado, entretanto, não terá muita eficácia na contribuição, caso não se entenda que este é um ato de amor. A coleta pode ser uma poderosa ferramenta na construção da

igualdade em uma comunidade eclesiástica, porque era o princípio de idealismo cristão veementemente divulgado pelos apóstolos e principalmente por Paulo aos coríntios.

Atentar-se para a teologia pagã de que contribuir é um caminho para se aproximar da divindade, pode ter influenciado a teologia cristã pós-moderna, que entende que a contribuição é um caminho para que as janelas dos céus se abram sobre quem contribui, concepção que desvia a teologia paulina de seu objetivo, produzindo um dano com a exaltação do ego humano. Este princípio foi o mesmo aplicado pelo rei da Babilônia ao querer estabelecer seu trono acima das estrelas de Deus (Is 14.13), portanto, em última análise, este é um princípio satânico. O próprio satanás exigiu que Jesus o adorasse (Mt 4.9), pois o seu trono era totalmente do seu ego e para alcançar seu objetivo ele estava disposto a negociar bens, valores, poderes, fama, etc, tudo o que fosse necessário.

A contribuição deve ser uma luneta de aproximação, a qual observa quem está distante, a fim de enxergar o carente, o doente, o necessitado e, embora Deus seja “galardoador de todos os que O buscam” (Hb 11.6), não pode ser um estandarte para a prosperidade do indivíduo, pois isto teria um efeito contrário, egoísta e regado de interesses pessoais. Ou seja, a coleta bíblica ocupa um importante papel de fortalecimento da unidade do Corpo de Cristo através de uma manifestação de amor prático, vívido. E esta ênfase deve ser dada continuamente por parte daqueles que têm sobre si a responsabilidade da doutrinação da Igreja.

A coleta ou contribuição constitui-se em um instrumento para o desenvolvimento da *koinonia* (comunhão) e torna-se fundamental no fortalecimento do amor, mas o apóstolo atenta para o cuidado não se criar dependência financeira uns nos outros, para que um não seja pesado para o outro. Contudo, que haja unidade, assim como Jesus e o Pai são um.

Diante do exposto, há um desafio para a práxis da Igreja Cristã Evangélica Pós-Moderna, tornar a *paraklesis* através da coleta um meio de manifestação da divindade através do Amor, revelando o Reino de Deus e a Sua Justiça. E não há prazer em Deus com base em um jogo de interesses e promessas de prosperidade para alimentar os “egos” humanos.

Como disse o apóstolo Paulo em sua primeira epístola aos coríntios no capítulo treze:

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará (1Co 13.1-3).

Conclui-se que contribuir deve ser uma manifestação do Amor e não de interesses pessoais e que apresentar este princípio tão rico e importante para a Igreja possivelmente transformará todo um contexto doutrinário de uma geração que tem se movido em torno de si mesma para se tornar uma comunidade de serviço mútuo, onde uns existem para servir os outros e assim o amor que vem de Deus possa se manifestar revelando o verdadeiro significado do Reino de Deus entre nós.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Anotada edição expandida; ed. rev. e expandida. Charles C. Ryrie. São Paulo: Mundo Cristão ; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

ANGUS, Joseph. *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*. São Paulo: Hagnos, 2003.

BEALE, G. K; CARSON D. A. (Orgs.). *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BÍBLIA de Estudo Arqueológica NVI, São Paulo: Editora Vida, 2013.

BÍBLIA de Estudo Esquemática Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. 10. reimpressão. São Paulo: Paulus, 2015.

BÍBLIA Sagrada. Almeida Revista e Atualizada com números de Strong. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2003.

BÍBLIA Shedd Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Vida Nova ; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

BÍBLIA Shedd. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Editor responsável Russell P. Shedd. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

BITTENCOURT, Benedito. *Corinto e os problemas de uma igreja local*. São Paulo: Reflexão, 2015.

BOFF, Leonardo. *Teologia do Cativo e da Libertação*. Petrópolis: Vozes; 2014.

BOOR, Werner de. *Carta aos Coríntios*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2004.

CALVINO, João. *2 Coríntios – Série Comentários Bíblicos*. São José dos Campos: Ed. Fiel, 2008.

CÂMARA, Uipirangi Franklin da Silva. Stoa Paulina: a resignificação de physis no conceito cristão. *Revista Via Teológica*. Disponível em: <http://www.nupper.com.br/home2/wp-content/uploads/2-Stoa_Paulina.pdf>. Acesso em: 03 maio. 2016.

CERFAUX, Lucien. *Cristo na teologia de Paulo*. Santo André: Academia Cristã, São Paulo: Paulus, 2012.

CHAMPLIN, Russell Norman. O novo testamento interpretado: versículo por versículo. vol. IV. Guaratinguetá: A Sociedade Religiosa A Voz Bíblica Brasileira, 1991.

COLETA, Karina Andrea Pereira Garcia. *O “Deus de Toda Consolação” no Sofrimento de Paulo: um estudo Exegético-Teológico na segunda Carta aos Coríntios*. Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, 2014.

COMBLIN, José. *Comentário bíblico: segunda epístola aos Coríntios*. Petrópolis: Imprensa Metodista ; Vozes ; Sinodal, 1991.

CRUSE, Colin G. *2 Coríntios: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

DANIEL e Benjamin. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mzandonna>>. Acesso em: 30 set. 2016.

DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1977.

ELLUL, Jacques. *O homem e o dinheiro: aprenda a lidar com a origem de todos os males*. Brasília: Palavra, 2008.

GRUDEM, Wayne; ASMUS, Barry. *A pobreza das nações: uma solução sustentável*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

GUIMARÃES, Matheus Z. *Paulo e as obras da lei*. Disponível em: <<http://ensinandodesiao.org.br/artigos-e-estudos/paulo-e-as-obras-da-lei/>>. Acesso em: 30 set. 2016.

HALE, Broadus David. *Introdução ao Novo Testamento*. Trad. Claudio Vital de Souza. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações; 1983.

HAUBECK, Wilfrid; SIEBENTHAL, Heinrich Von. *Nova chave linguística do Novo Testamento Grego: Mateus – Apocalipse*. São Paulo: Targumim: Hagnos, 2009.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Loyola, Paulus, Vida Nova, 2008.

HENRY, Matthew. *Comentário bíblico do Novo Testamento: Atos a Apocalipse*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

IGREJA BATISTA DA LAGOINHA. *Estabeleça o tamanho da sua colheita*. Disponível em: <<http://www.lagoinha.com/ibl-igreja/estabeleca-o-tamanho-da-sua-colheita/>>. Acesso em: 07 out. 2016.

KIBUUKA, Brian G. L. *A sociologia da cristandade primitiva*. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=1227>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

KISTEMARKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento – 2 Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

LOPES, Hernandes Dias. *2 Coríntios: o triunfo de um homem de Deus diante das dificuldades*. São Paulo: Hagnos, 2007.

LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. *Léxicos Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MIRANDA, Marcos Vinícius Fernandes; PEREIRA MELO, José Joaquim. *O Filósofo e o Apostolo: a correspondência entre Sêneca e Paulo de Tarso*. p. 1-9. Disponível em:

<<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st13/Miranda,%20Marcos%20Vin%20cius%20Fernandes.pdf>>. Acesso em: 03 maio. 2016.

MOFFAT, James. *The First Epistle os Paul to the Corinthians*. New York, Harpet & Brothers, s.d.

NIETZSCHE, Friedrich. *Trecho do livro: Genealogia da Moral*. Disponível em: <<http://www.citador.pt/textos/os-fortes-aspiram-a-separarse-e-os-fracos-a-unirse-friedrich-wilhelm-nietzsche>>. Acesso em: 27 set. 2016.

ONARA, Núbia. *3 promessas de prosperidade de Deus para você*. Disponível em: <<http://www.universal.org/noticia /2015/01/23/3-promessas-de-prosperidade-de-deus-para-voce-31068.html>>. Acesso em: 07 out. 2016.

REIMER, Ivoni Richter (Org.). *Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: CEBI / Sinodal, 2006.

SANTOS, Cintya. A Composição Social dos Cristãos em 1 Coríntios. *RJHR*, IV, 6, 2011. p. 132. Disponível em: <<http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos6/Artigo%20Cintya%20Santos.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. Santo André: Academia Cristã, São Paulo: Paulus, 2010.

SCHREINER, Josef; DAUTZENBERG, Gerhard. *Forma e Exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977.

SHEDD, Russell P. *Justiça social e a interpretação da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

STEGEMANN, Ekkehard W., STERGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo – os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulus, 2004.

STERN; David H. *Bíblia Judaica completa: o Tanakh (AT) e o B'rit Hadashah (NT)*. São Paulo: Vida, 2010.

_____. *Comentário judaico do Novo Testamento*. Belo Horizonte: Atos, 2007.

TERRA NOVA, Renê. *Prosperidade em todas as áreas*. Disponível em: <<http://www.mir12.com.br/br/2012/index.php/estudos/celulas/809-prosperidade-todas-as-areas-parte-1>>. Acesso em: 07 out. 2016.

TREBOLLE BARRERA, Julio. *A Bíblia judaica e a Bíblia Cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã*. vl.1, 2. Texto revisto por Cyril C. Richardson, Wilhelm Pauck e Robert T. Handy. 3. ed. Rio de Janeiro: JUERP ; São Paulo: ASTE, 1981.